



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
*Secretaria do Planejamento
e Gestão*

IPECE Conjuntura

Boletim da Conjuntura Econômica Cearense

2º Trimestre de 2014



Fortaleza – Ceará
Setembro de 2014

ipece INSTITUTO
DE PESQUISA
E ESTRATÉGIA
ECONÔMICA
DO CEARÁ

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

Cid Ferreira Gomes – Governador

Domingos Gomes de Aguiar Filho – Vice Governador

SECRETARIO DO PLANEJAMENTO E GESTÃO (SEPLAG)

Eduardo Diogo – Secretário

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

Flávio Ataliba Flexa Daltro Barreto – Diretor Geral

Adriano Sarquis Bezerra de Menezes – Diretor de Estudos Econômicos

Regis Façanha Dantas - Diretor de Estudos Sociais

IPECE Conjuntura – 2º Trimestre – abril-jun. de 2014

Equipe Técnica

Adriano Sarquis (Coordenação Geral)

Daniel Suliano (Coordenação Técnica)

Alexsandre Lira Cavalcante

Ana Cristina Lima Maia Souza

Cláudio André Gondim Nogueira

José Freire Júnior

Marlene Mindêllo

Maurício Cabrera

Nicolino Trompieri Neto

Paulo Pontes

Witalo de Lima Paiva

Colaboração

Gabriel Figueiredo

Jéssica Clemente

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) é uma autarquia vinculada à Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Ceará.

Fundado em 14 de abril de 2003, o IPECE é o órgão do Governo responsável pela geração de estudos, pesquisas e informações socioeconômicas e geográficas que permitem a avaliação de programas e a elaboração de estratégias e políticas públicas para o desenvolvimento do Estado do Ceará.

Missão

Disponibilizar informações geosocioeconômicas, elaborar estratégias e propor políticas públicas que viabilizem o desenvolvimento do Estado do Ceará.

Valores

Ética e transparência; Rigor científico; Competência profissional; Cooperação interinstitucional e Compromisso com a sociedade.

Visão

Ser reconhecido nacionalmente como centro de excelência na geração de conhecimento socioeconômico e geográfico até 2014.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/nº - Edifício SEPLAG, 2º Andar

Centro Administrativo Governador Virgílio Távora – Cambéba

Tel. (85) 3101-3496

CEP: 60830-120 – Fortaleza-CE.

ouvidoria@ipece.ce.gov.br

www.ipece.ce.gov.br

APRESENTAÇÃO

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) publica o IPECE CONJUNTURA – Boletim da Conjuntura Econômica cearense, referente aos resultados do 2º trimestre de 2014.

Neste documento, foi utilizado como referência o cenário econômico internacional e nacional, os quais servem para orientar a análise sobre o desempenho da atividade econômica cearense, em seus diversos aspectos.

O Boletim contempla uma série de análises envolvendo indicadores que traduzem o dinamismo socioeconômico do Ceará, com destaque para o comportamento setorial da agricultura, indústria e serviços além do mercado de trabalho, do comércio exterior e finanças públicas estaduais.

Ao lado dessa análise conjuntural, o Boletim reserva um espaço para reflexão sobre temas de interesse da sociedade. Este número traz um artigo com relação à concentração de empregos formais na capital cearense.

O Boletim IPECE CONJUNTURA procura atender a demanda do setor público e privado por informações de curto prazo sobre a economia cearense.

ÍNDICE

SUMÁRIO EXECUTIVO, 3

1. PANORAMA INTERNACIONAL, 5

2. EVOLUÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA, 7

3. ECONOMIA CEARENSE E PRODUTO INTERNO BRUTO, 14

4. ANÁLISE DA DINÂMICA SETORIAL, 16

4.1. Agropecuária, 16

4.2. Indústria, 19

4.3. Serviços, 27

4.3.1. Pesquisa Mensal dos Serviços, 27

4.3.2. Comércio Varejista, 29

5. MERCADO DE TRABALHO, 34

5.1. Região Metropolitana de Fortaleza, 34

5.2. Emprego Formal, 36

6. COMÉRCIO EXTERIOR, 39

7. FINANÇAS PÚBLICAS, 45

7.1 Resultado Fiscal, 45

7.2 Receitas, 45

7.3 Despesas, 48

7.4 Dívida, 50

8. CONSIDERAÇÕES GERAIS, 52

9. A OPINIÃO DO IPECE, 55

A Concentração do Emprego Formal em Fortaleza: Uma Análise do Período 2005-2013, 55

IPECE Conjuntura / Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE). – Fortaleza, CEARÁ.
ISSN 2357-7789

Economia Brasileira. Economia Cearense. Indústria.
Mercado de Trabalho. Finanças Públicas.

Fortaleza – Ceará

SUMÁRIO EXECUTIVO

- Mesmo que o crescimento da economia mundial para o ano de 2014 esteja apresentando um ritmo mais lento do que indicavam as estimativas realizadas no começo do ano, a economia chinesa apresentou variação de 7,5% neste segundo trimestre com relação ao mesmo trimestre do ano anterior com uma demanda interna mais retraída, o que poderá comprometer seu desempenho econômico ao longo do ano.
- No Brasil, o desempenho negativo de 0,6 neste segundo trimestre foi reflexo do comportamento da Formação Bruta de Capital Fixo (FBKF) que teve uma significativa queda de 5,3%. Nesse mesmo contexto, a taxa de investimento no segundo trimestre de 2014 foi de apenas 16,5%, valor comparável apenas a 2009, auge da crise internacional.
- A economia cearense cresceu 3,04% no segundo trimestre de 2014 com relação ao mesmo período de 2013, sendo a décima sétima taxa trimestral consecutiva superior à taxa da economia brasileira. Todavia, este crescimento foi um pouco inferior ao registrado no segundo trimestre de 2013, com relação ao mesmo período de 2012, onde a taxa registrada foi de 3,95%.
- A agropecuária do Estado do Ceará vive, em 2014, o terceiro ano consecutivo de estiagem que agrava em vários aspectos o setor, diferentemente do que ocorre quando se tem um ano isolado de seca. Mesmo apresentando dependência da precipitação pluviométrica, as estimativas têm apontado que a produção de grãos no Ceará para o ano de 2014 será maior que o ano de 2013, com destaque para o feijão e o milho. Quanto a produção de frutas, as estimativas para o 2º trimestre apresentaram pequenas variações, explicadas pelo fato dessas atividades serem menos dependentes de chuva, por conta da irrigação, e por terem suas colheitas mais concentradas no segundo semestre do ano.
- No segundo trimestre de 2014, a indústria de transformação cearense voltou a registrar redução na produção após cinco trimestres seguidos de crescimento, reforçando a ideia de queda de ritmo já observada no primeiro trimestre, quando a indústria cresceu apenas 0,9%. Essa dinâmica manteve uma trajetória similar à observada para indústria nacional, diferentemente do registrado em 2013, quando a manufatura cearense seguiu uma trajetória mais descolada da manufatura nacional.
- O varejo comum cearense registrou alta de 8,7% no segundo trimestre de 2014, desempenho quase três vezes acima do registrado pelo varejo do país, que obteve alta de apenas 3,4%. Nas vendas do varejo ampliado, o Ceará também registrou taxa de crescimento positivo no segundo trimestre de 2014, mas inferior a registrada pelo varejo comum, bastante influenciada pelas vendas de automóveis que apresentaram baixa no período.

- Dados da Pesquisa Mensal dos Serviços destacam que os serviços prestados às famílias apresentaram taxas positivas elevadas nos dois trimestres de 2014. No entanto, em termos gerais, o acumulado do ano mostra que a atividade econômica dos serviços apresentou uma baixa dinâmica quando comparada com 2013.
- A População Economicamente Ativa na RMF entre o segundo trimestre de 2014 e o segundo trimestre de 2013 apresentou variação de 1,60%, similarmente ao valor da População em Idade Ativa. Todavia, a taxa de participação de 57% apresenta nítida estabilidade entre os anos de 2013 e 2014.
- No 2º trimestre de 2014 foi registrada a menor geração de novos empregos com carteira assinada dos últimos oito anos.
- As exportações do estado do Ceará neste segundo semestre do ano apresentaram crescimento de 62% em relação ao mesmo período de 2013. As importações, por sua vez, retraíram 16% neste comparativo. No entanto, esses valores não foram suficientes para reverter o saldo negativo da balança comercial do estado com relação a 2013.
- Do ponto de vista fiscal, o estado do Ceará tem apresentado um baixo nível de endividamento, apesar do elevado gasto com investimento. No entanto, os compromissos com o pagamento do serviço da dívida têm sido elevados, por conta de um cronograma de amortizações concentrado no curto prazo.

1 PANORAMA INTERNACIONAL

O crescimento da economia mundial para o ano de 2014 vem apresentando um ritmo mais lento do que foi indicado nas estimativas realizadas no começo do ano. Segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI), na publicação do *World Economic Outlook* de abril de 2014, a projeção de crescimento econômico para o ano foi de 3,6% caindo para 3,4% em julho. Essa leve redução se deve ao baixo desempenho tanto dos países desenvolvidos como dos emergentes.

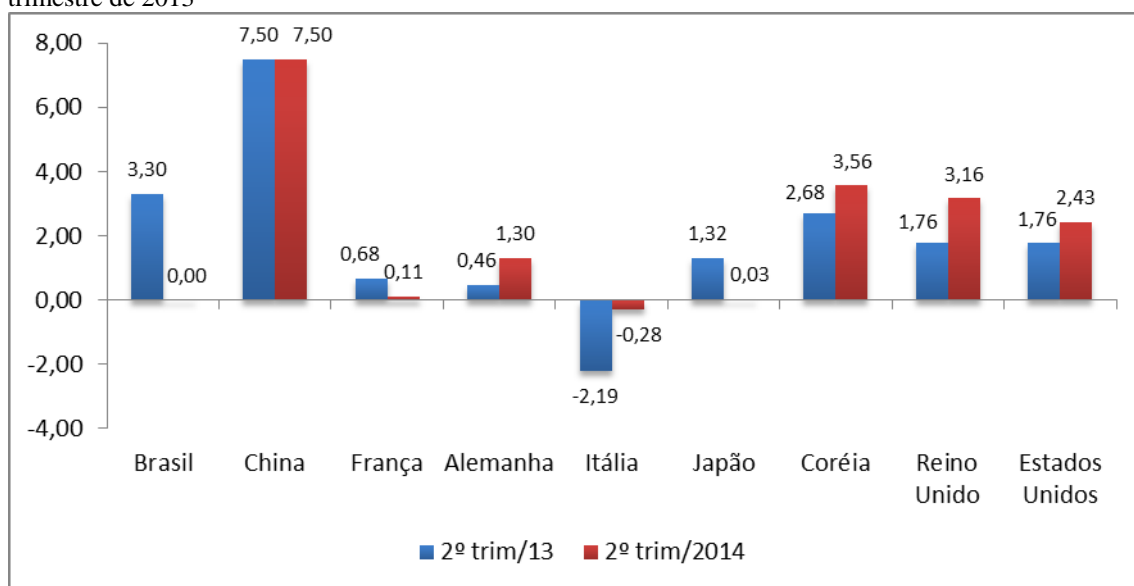
Por sua vez, as estimativas de crescimento econômico para o segundo trimestre de 2014, segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), indicam que alguns países deverão apresentar comportamento acima do registrado no mesmo período do ano passado, cabendo destacar a Alemanha, que sinalizou um crescimento de 1,3%, comparado ao 2º trimestre de 2013, demonstrando, assim, maior solidez econômica mesmo no período de crise. No entanto, não obstante esse resultado, a economia alemã apresentou uma desaceleração ao longo do ano de 2014, causada pelo fraco comportamento do comércio exterior e dos investimentos, acendendo, portanto, um sinal de alerta.

A economia francesa ficou praticamente estagnada no segundo trimestre de 2014, comparada ao mesmo período de 2013, fazendo com que o governo confirmasse o não cumprimento da meta de déficit orçamentário neste ano, além de reduzir pela metade a projeção de 1% de crescimento para 2014. A economia da Itália, mesmo com as medidas adotadas pelo governo para estimular a economia e reduzir o desemprego, ainda continua em situação de recessão.

Quanto aos Estados Unidos, o crescimento do 2º trimestre de 2014 foi influenciado principalmente pelo aumento dos gastos das famílias e de governos locais e estaduais, investimentos fixos não residenciais, investimentos fixos residenciais e crescimento das exportações. Vale ressaltar que no primeiro trimestre do ano a economia americana registrou um fraco desempenho, afetado principalmente pela baixa demanda externa e pelo inverno mais rigoroso que comprometeu algumas atividades econômicas.

Os países em desenvolvimento também tiveram suas expectativas reduzidas para o ano de 2014, quando o FMI diminuiu a estimativa de crescimento econômico desses países de 4,9% para 4,6%. A economia da China no 2º trimestre de 2014 apresentou variação de 7,5%, a mesma do 2º trimestre de 2013. Mas ao longo do ano a China vem apresentando uma demanda interna mais retraída, podendo comprometer seu desempenho econômico. A economia da Rússia vem sofrendo as consequências causadas pelo conflito com a Ucrânia, como a redução dos investimentos, comprometendo o crescimento do país.

Tabela 1.1 – Taxa (%) de Crescimento Real da economia - 2º trimestre de 2014 em relação ao mesmo trimestre de 2013



Fonte: OECD.

2 EVOLUÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA

No segundo trimestre de 2014, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil pela ótica da produção registrou uma queda de 0,9% em relação ao segundo trimestre de 2013 (Tabela 2.1), desempenho bem inferior comparado ao primeiro trimestre de 2013 com relação ao mesmo período do ano de 2012, onde se verificou crescimento de 3,5%. No acumulado do ano, quando se compara o crescimento do primeiro semestre de 2014 em relação ao mesmo período de 2013, observa-se um crescimento de 0,5%. Já para a taxa anualizada, onde computa-se o crescimento dos últimos quatro trimestres em relação aos quatro imediatamente anteriores, registra-se um crescimento de 1,4%.

Tabela 2.1 - Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades - Brasil - 2013 e 2º Trim. 2014 (*)

Setores e Atividades	2º Trim.		1º Trim.		Acumulado no ano (**)	Acumulado nos 4 últimos Trim (***)
	2013 (**)	2013	2014 (**)	2014 (**)		
Agropecuária	12,0	7,3	2,8	0,0	1,2	1,1
Indústria	3,1	1,7	0,8	-3,4	-1,4	3,5
Extrativa Mineral	-3,5	-2,2	5,4	8,0	6,8	-0,2
Transformação	5,2	2,7	-0,5	-5,5	-3,1	-1,4
Construção Civil	3,7	1,6	-0,9	-8,7	-4,9	3,3
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	2,1	2,9	5,2	1,0	3,1	0,5
Serviços	2,6	2,2	2,0	0,2	1,1	1,5
Comércio	3,6	2,9	2,2	-2,4	-0,2	3,1
Transportes	3,6	3,1	4,0	0,9	2,4	5,3
Intermediação Financeira	1,8	1,5	2,6	2,5	2,5	2,0
Administração Pública	1,7	2,2	1,9	1,3	1,6	1,6
Outros Serviços	1,8	0,7	0,5	-1,6	-0,5	1,8
VA a preços básicos	3,3	2,3	1,8	-0,7	0,5	1,3
PIB pm	3,5	2,5	1,9	-0,9	0,5	1,4

Fonte: IPECE e IBGE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos;

(**) Em comparação a igual período do ano anterior;

(***) Em comparação aos quatro trimestres imediatamente anteriores.

Em relação aos Valores Adicionados dos setores, a Agropecuária permaneceu constante, registrando uma taxa de 0,0% no segundo trimestre de 2014 em relação a igual período de 2013, desempenho este bem inferior à safra recorde verificada no ano de 2013, quando se registrou, no segundo trimestre de 2013 comparado com o mesmo período de 2012, um crescimento de 12,0%. Segundo dados do LSPA/IBGE divulgado em julho de 2014, entre os produtos com safra no 2º trimestre que registraram crescimento na estimativa de produção anual, destacam-se: soja (6,0%), arroz (4,4%), mandioca (10,4%) e algodão (25,4%). Por

outro lado, milho (-4,4%) e café (-6,5%) apresentaram variações negativas na estimativa de produção anual. Com exceção do arroz e algodão, os demais cultivos apontaram queda de produtividade. As estimativas para Pecuária e Silvicultura e Extração Vegetal também apontaram fraco desempenho dessas atividades no decorrer do período.

Por sua vez, o setor da Indústria apresentou no segundo trimestre de 2014, em relação ao mesmo período de 2013, um decréscimo de 3,4%, registrando um desempenho levemente inferior ao segundo trimestre de 2013, com relação ao mesmo período de 2012, onde se verificou um crescimento de 3,1%. Em relação às atividades que compõem a Indústria, para o mesmo período de análise, a Indústria de transformação apresentou um recuo de 5,5%, devido às quedas registradas na produção da indústria automotiva; de máquinas e equipamentos; móveis; máquinas e aparelhos elétricos; produtos de metal; metalurgia; produtos químicos; borracha e plástico; têxtil; e produtos de madeira e celulose. A Construção Civil também apresentou redução no volume do valor adicionado de 8,7%. Eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana (SIUP) tiveram crescimento de 1,0%, puxado pelo consumo residencial de energia elétrica. Já a Extrativa mineral cresceu 8,0% em relação ao segundo trimestre de 2013.

O valor adicionado de Serviços apresentou um leve crescimento de 0,2% no segundo trimestre de 2014 em comparação com o mesmo período de 2013, apresentando um desempenho bem inferior se comparado ao segundo trimestre de 2013, com relação ao mesmo período de 2012, onde se registrou crescimento de 2,6%. Esse fraco desempenho foi motivado, em grande parte, pela queda na atividade do comércio (-2,4%). Observou-se resultado negativo também na atividade de Outros Serviços (-1,6%), que além dos serviços prestados às empresas, engloba serviços prestados às famílias, saúde mercantil, educação mercantil, serviços de alojamento e alimentação, serviços associativos, serviços domésticos e serviços de manutenção e reparação. As únicas atividades que apresentaram crescimento positivo foram Transportes (0,9%), Intermediação financeira (2,5%) e Administração Pública (1,3%).

Comparado ao primeiro trimestre, a agropecuária foi o único setor que apresentou um desempenho positivo, com uma leve alta de 0,2%. O grande setor dos serviços, talvez em razão da elevação das taxas de juros iniciadas no início de 2013 e maior grau de endividamento das famílias, teve queda de 0,5%.

Já a indústria despencou 1,5%. Neste caso, deve-se também ressaltar o efeito em cadeia que o mesmo provoca nos setores de logística, transporte e terceirização, o que pode também explicar parte da queda dos serviços. A indústria também pode estar sentindo a alta da inflação

que tem corroído o poder aquisitivo dos trabalhadores reduzindo o consumo de bens duráveis, os quais detêm demanda mais elástica. Além disso, o Banco Central tem mantido artificialmente o câmbio valorizado, o que tem prejudicado a competição do setor frente à concorrência internacional.

Pela ótica dos gastos, o consumo das famílias subiu 0,3% no comparativo com o primeiro trimestre e 1,2% na comparação com o mesmo período do ano passado. Como já observado esse baixo crescimento com relação ao primeiro trimestre do ano foi reflexo de uma queda do setor industrial, especialmente nos bens de maior valor agregado. No caso do consumo do governo houve uma queda de 0,7% na comparação com trimestre anterior e alta de 0,9% em relação ao mesmo período do ano passado.

No setor externo, as exportações cresceram 2,8% e 1,9% com relação aos três primeiros meses do ano e com relação ao segundo trimestre de 2013, respectivamente. As importações, por sua vez, tiveram queda de 2,1% e 2,4%, respectivamente.

Essa queda nas importações teve reflexo na formação de bruta de capital fixo (FBCF) ao afetar os investimentos. De fato, no segundo trimestre de 2014 foi de apenas 16,5%, valor comparável apenas a 2009, no auge da crise internacional.

Assim, a FBCF teve uma redução de 5,3% em relação ao trimestre anterior e 11,2% com relação ao mesmo período do ano anterior. Essa queda significativa foi reflexo de uma política econômica discricionária voltada para o consumo, que tem produzido incerteza, bem como instabilidade. Além disso, os benefícios fiscais de forma selecionada geram falta de previsibilidade e confiança, o que reflete na formação de expectativas para investimentos futuros. A Tabela 2.2 resume o conjunto desses dados.

Tabela 2.2 – Taxa de crescimento do PIB Trimestral - Brasil (%)

Com Ajuste Sazonal						
Descrição	2º Trim. (2013)	3º Trim. (2013)	4º Trim. (2013)	1º Trim. (2014)	2º Trim. (2014)	
PIB a preços de mercado	2,1	-0,6	0,5	-0,2	-0,6	
Ótica da Produção	Valor adicionado bruto da agropecuária	3,8	-3,1	-0,9	3,1	0,2
	Valor adicionado bruto da indústria	2,6	-0,3	-0,3	-1,2	-1,5
	Valor adicionado bruto dos serviços	1,3	0,1	0,5	0	-0,5
Ótica da Demanda	Despesa de consumo das famílias	0,5	0,8	0,8	-0,2	0,3
	Despesa de consumo da administração pública	1,3	0,6	0,8	0,4	-0,7
	Formação bruta de capital fixo	4,2	-1,7	-1,9	-2,8	-5,3
	Exportação de bens e serviços	4,2	-1	3,9	-3,8	2,8
	Importação de bens e serviços (-)	1,4	-0,6	-0,7	0,9	-2,1
Sem Ajuste Sazonal						
Descrição	2º Trim. (2013)	3º Trim. (2013)	4º Trim. (2013)	1º Trim. (2014)	2º Trim. (2014)	
PIB a preços de mercado	3,5	2,4	2,2	1,9	-0,9	
Ótica da Produção	Valor adicionado bruto da agropecuária	12,0	0,4	1,6	2,8	0,0
	Valor adicionado bruto da indústria	3,1	2,3	2,1	0,8	-3,4
	Valor adicionado bruto dos serviços	2,6	2,3	1,9	2,0	0,2
Ótica da Demanda	Despesa de consumo das famílias	2,8	2,4	2,5	2,2	1,2
	Despesa de consumo da administração pública	0,9	2,5	2,2	3,4	0,9
	Formação bruta de capital fixo	7,7	6,7	4,0	-2,1	-11,2
	Exportação de bens e serviços	6,3	3,2	5,6	2,8	1,9
	Importação de bens e serviços (-)	7,7	13,7	4,8	1,4	-2,4

Fonte: IBGE, Contas Nacionais. Elaboração IPECE.

Juros e Inflação

O IPCA e o INPC são calculados para onze regiões metropolitanas e duas cidades com mais de 30% da população brasileira. Ambos os índices representam as necessidades médias de consumo das famílias, diferenciando apenas na faixa de renda do consumidor e consequentemente no peso de cada grupo. O IPCA abrange as famílias com rendimentos monetários de 1 a 40 salários mínimos, enquanto que o INPC se refere às famílias com rendimento de 1 a 5 salários mínimos. Vale ressaltar que o IPCA é o índice oficial que mede a inflação do País.

O IPCA acumulado nos últimos doze meses registrou para a cidade do Rio de Janeiro a maior variação, em torno de 7,33%, seguida, bem de perto, pelas capitais Porto Alegre (7,23%), Curitiba (7,21%) e Recife (7,16%). Já Belém foi a capital com menor variação acumulada, em torno de 5,43%. No acumulado do ano de 2014, Brasília registrou a menor variação (2,84%), acompanhado de perto por Belém (2,97%).

A cidade de Fortaleza registrou uma variação acumulada no IPCA em torno de 6,57% sendo a quinta capital com maior variação e ficou ainda um pouco acima da variação acumulada ocorrida no Brasil (6,52%). Já na variação ocorrida no ano de 2014, Fortaleza teve uma variação de 3,77%, sendo a sétima capital com maior variação no ano de 2014. As capitais Campo Grande e Vitória não registraram variação acumulada nos últimos doze meses, pois, sua inclusão é recente. (Tabela 2.3).

Tabela 2.3 – IPCA acumulado no ano de 2014 e dos últimos doze meses

Região	Peso Regional (%)	Variação Acumulada (%)	
		Ano	12 meses
Belém	4,65	2,97	5,43
Recife	5,05	4,40	7,16
Salvador	7,35	3,82	5,74
São Paulo	30,67	3,43	6,32
Rio de Janeiro	12,06	4,29	7,33
Goiânia	3,59	3,44	6,29
Belo Horizonte	10,86	4,07	6,28
Porto Alegre	8,4	4,10	7,23
Curitiba	7,79	3,92	7,21
Fortaleza	3,49	3,77	6,57
Brasília	2,80	2,84	6,02
Campo Grande	1,51	3,66	0
Vitória	1,78	3,09	0
Brasil	100	3,75	6,52

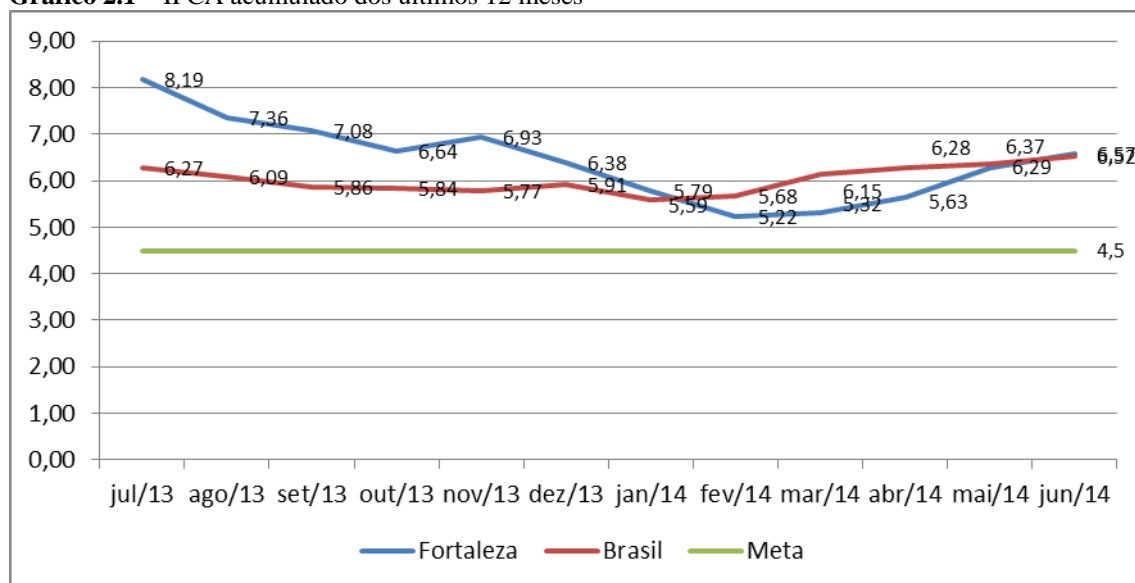
Fonte: IBGE. Elaboração IPECE.

O Gráfico 2.1 abaixo apresenta a evolução do IPCA no acumulado dos últimos doze meses e revela que o IPCA da cidade de Fortaleza e do Brasil continua acima da meta estipulada pelo Banco Central (4,5%). No entanto, o desempenho desse indicador, em Fortaleza, ao longo dos

doze meses, seguiu para o centro da meta estabelecida, chegando a 5,22% em fevereiro de 2014, o menor valor registrado. Porém, em março de 2014 afastou-se da meta, registrando uma variação acumulada de 5,32% e em abril de 2014 ficou ainda mais distante do centro da meta, registrando uma variação acumulada de 5,63%. Em maio e junho a inflação acumulada continuou crescendo alcançando 6,52% em junho de 2014 mostrando que em 2014 as políticas econômicas adotadas não estão surtindo efeito para tentar frear a trajetória ascendente dos preços.

O Brasil teve uma trajetória mais próxima do centro da meta de inflação do que Fortaleza em 2013, sendo que a partir de fevereiro e março e abril de 2014 o Brasil além de se afastar da meta de inflação ainda ficou mais distante que a variação registrada em Fortaleza para o período. Em junho de 2014, a inflação acumulada dos últimos doze meses ficou muito próxima da registrada pela capital do Ceará em torno de 6,52%.

Gráfico 2.1 – IPCA acumulado dos últimos 12 meses



Fonte: IBGE. Elaboração IPECE.

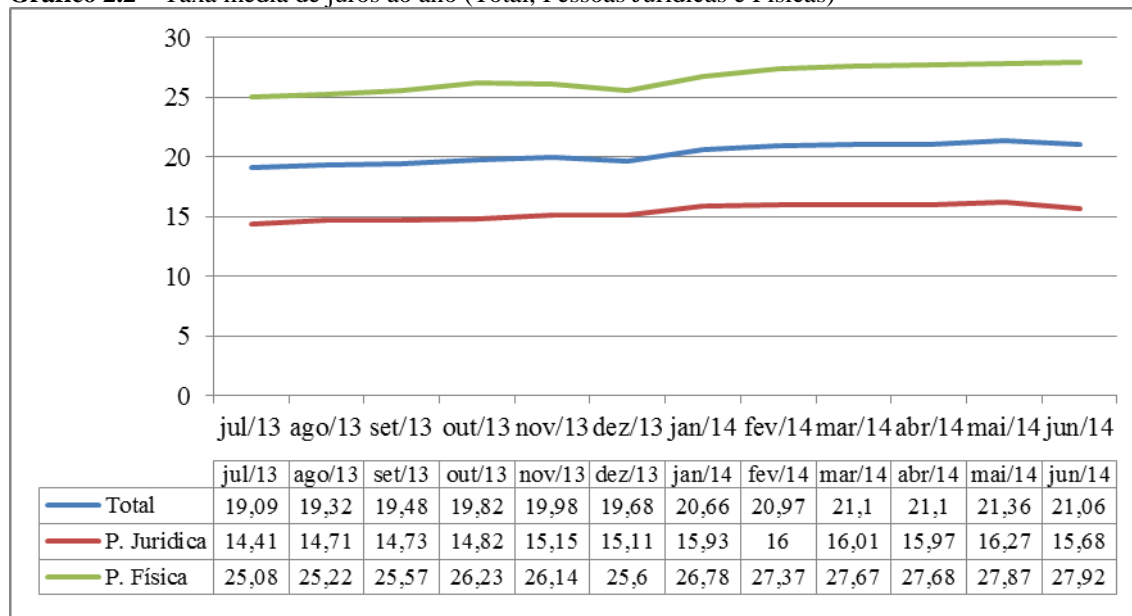
O Gráfico 2.2 se refere à taxa média de juros ao ano, praticadas no Brasil entre julho de 2013 e junho de 2014. Neste período a taxa média praticada elevou-se próximo a dois pontos percentuais, confirmando a política de elevação das taxas de juros praticadas pelas autoridades monetárias.

As taxas médias de juros ao ano praticadas em relação às pessoas jurídicas foram bem inferiores às destinadas para pessoas físicas, provavelmente em razão das garantias que geralmente são oferecidas. As taxas praticadas contra as pessoas jurídicas passaram de 14,4%

em julho de 2013 para 15,68% em junho de 2014, resultando numa elevação de um pouco mais de um ponto percentual.

Já as taxas médias de juros praticadas contra as pessoas físicas que representam quase o dobro das praticadas contra as pessoas jurídicas, passando de 25,08% em julho de 2013 para 27,92%, representando uma elevação de mais de dois pontos percentuais.

Gráfico 2.2 – Taxa média de juros ao ano (Total, Pessoas Jurídicas e Físicas)



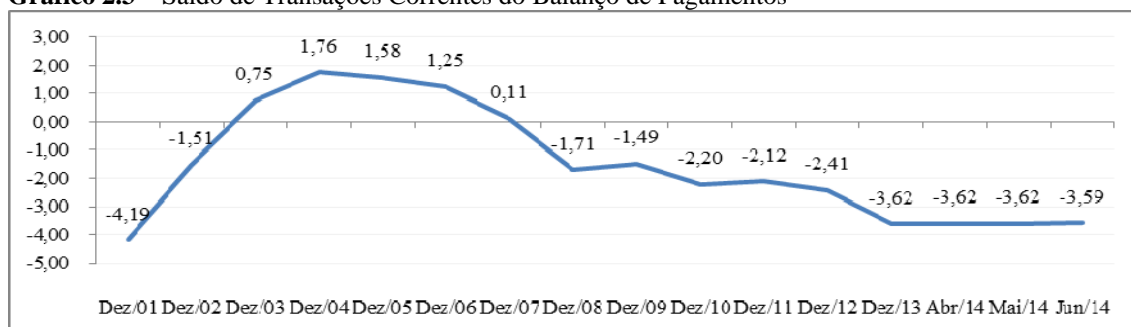
Fonte: Banco Central do Brasil. Elaboração IPECE.

Balanço de Pagamentos

O déficit em transações correntes no ano de 2013 foi de pouco mais de 81 bilhões de dólares, equivalente a 3,62% do PIB tendo sido o pior resultado desde 2001. (ver Gráfico 2.3). Como pode ser observado os três meses do segundo trimestre de 2014 mostram que a perspectiva de do déficit externo segue em alta.

Em razão da perda de controle inflacionário o Banco Central tem optado por manter a taxa de câmbio em um patamar desvalorizado o que em certa medida tem prejudicado parte das exportações, piora da Balança Comercial e maior no saldo negativo em transações correntes. Por outro lado, o adiamento por parte do FED de uma política monetária mais restritiva em razão da recuperação da economia americana tem facilitado o financiamento deste *déficit* por meio do investimento estrangeiro direto estendendo essa perspectiva para 2015.

Gráfico 2.3 – Saldo de Transações Correntes do Balanço de Pagamentos



Fonte: Banco Central do Brasil. Elaboração IPECE.

3 ECONOMIA CEARENSE E PRODUTO INTERNO BRUTO

No segundo trimestre de 2014 com relação ao mesmo período de 2013 a economia cearense apresentou uma taxa de crescimento de 3,04%, sendo a décima sétima taxa trimestral consecutiva superior à taxa da economia brasileira. Este crescimento foi um pouco inferior ao registrado no segundo trimestre de 2013, com relação ao mesmo período de 2012, quando se verificou um crescimento de 3,95% (Tabela 3.1). No acumulado do ano, observa-se um crescimento de 3,49%. Em relação à taxa anualizada, registrou-se um crescimento de 3,32%.

Tabela 3.1 - Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades - Ceará - 2013 e 2º Trim. 2014 (*)

Setores e Atividades	2º Trim.		1º Trim.		Acumulado no ano (**)	Acumulado nos 4 últimos Trim (***)
	2013 (**)	2013	2014 (**)	2014 (**)		
Agropecuária	5,97	2,61	41,80	52,60	47,20	24,43
Indústria	7,59	5,62	1,70	-4,20	-1,25	2,12
Extrativa Mineral	60,30	25,39	-19,87	-18,77	-19,32	-1,22
Transformação	7,50	4,71	0,85	-5,04	-2,10	1,75
Construção Civil	5,70	3,12	3,43	-5,47	-1,02	0,69
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	4,70	7,75	4,87	1,10	2,99	5,11
Serviços	3,69	2,89	4,00	3,00	3,50	2,77
Comércio	3,47	2,50	8,13	5,24	6,69	3,55
Alojamento e Alimentação	3,66	3,21	10,48	9,43	9,96	6,82
Transportes	9,65	4,28	5,40	1,92	3,66	2,06
Intermediação Financeira	4,31	4,39	3,77	3,49	3,63	4,31
Administração Pública	2,22	1,82	1,46	1,36	1,41	1,56
Outros Serviços	3,53	3,49	3,02	2,75	2,89	3,39
VA a preços básicos	4,17	3,48	3,91	3,08	3,50	3,38
PIB pm	3,95	3,44	3,93	3,04	3,49	3,32

Fonte: IPECE e IBGE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos;

(**) Em comparação a igual período do ano anterior;

(***) Em comparação aos quatro trimestres imediatamente anteriores.

Analisando os setores que compõem o cálculo do PIB do Ceará, a Agropecuária apresentou no segundo trimestre de 2014, em comparação com o mesmo período de 2013, um crescimento de 52,6%. Deve-se ressaltar que este crescimento significativo foi decorrente de uma base de comparação baixa verificada nos dois anos anteriores em razão de períodos de seca, onde no primeiro trimestre de 2013, com relação ao mesmo período de 2012, verificou-se um aumento de 5,94%. Já no mesmo período em 2012, comparado a 2011, verificou-se uma forte queda de -44,3%.

Para o mesmo período de análise, a Indústria decresceu 4,2%, apresentando um desempenho bem inferior para o mesmo período de 2012, onde o setor obteve um crescimento de 7,59%.

Finalmente, o setor de serviços cresceu 3,0%, puxado pelo bom desempenho das atividades de Comércio, no qual registrou, para o mesmo período, um crescimento de 5,24%, e Alojamento e Alimentação, no qual apresentou um crescimento de 9,43%.

4 ANÁLISE DA DINÂMICA SETORIAL

4.1 Agropecuária

O setor da agropecuária do Ceará, como já é de conhecimento, apresenta grande dependência das chuvas que ocorrem no estado, visto que grande parte da produção agrícola é de sequeiro. O acumulado das chuvas para o ano de 2014, até o mês de junho, vem apresentando comportamento um pouco acima da média de 2013, quando em 2014 choveu 581,6 milímetros e em 2013 esse valor foi de 563,8 milímetros. (Tabela 4.1) Porém, vale ressaltar que esse volume de chuvas fica bem abaixo da média normal de pluviosidade do estado, resultando em um desvio percentual de -34,7%, em 2013, e de -33,1%, em 2014, indicando que esses períodos são considerados de seca.

Outro fato importante é que, diante desses anos de secas, os níveis dos reservatórios de água do estado vêm diminuindo. Atualmente, segundo a Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos (COGERH), a exceção do açude Gavião, que possui mais de 90% da capacidade por ser o reservatório que abastece o consumo da Região Metropolitana de Fortaleza, os demais 107 açudes cearenses, encontram-se com suas capacidades de armazenamento abaixo de 30%.

Tabela 4.1 – Comparativo do desvio percentual entre a média das normais e a média das pluviosidades observadas no 1º semestre de 2014 e 1º semestre de 2013

Macroregião	1º semestre 2013			1º semestre 2014		
	Normal (mm)	Observado (mm)	Desvio (%)	Normal (mm)	Observado (mm)	Desvio (%)
Maçico de Baturite	1081,3	784,6	-27,4	1081,3	791,1	-26,8
Litoral de Pecem	895,5	582,6	-34,9	904,2	544,5	-39,8
Litoral Norte	1002,3	669,1	-33,2	1022,1	599,4	-41,3
Jaguaribana	805,8	556,6	-30,9	803,5	468,6	-41,7
Litoral de Fortaleza	1108,6	657,4	-40,7	1112	794,7	-28,5
Ibiapaba	1009,8	605,1	-40,1	1002,7	611,2	-39,1
Cariri	796,5	614,8	-22,8	796,5	707	-11,2
Sertão Central e Inhamuns	675,6	389,9	-42,3	678,9	427,8	-37
Ceará	863,7	563,8	-34,7	869,3	581,6	-33,1

Fonte: FUNCEME

As chuvas no segundo trimestre de 2014 no Ceará registraram desvio de -28,5% comparado ao normal, ficando abaixo do observado no mesmo período de 2013. Observou-se que todas as regiões cearenses tiveram uma quantidade de chuva menor no 2º trimestre de 2014, comparado ao 2º trimestre de 2013.

Com relação à média normal, a pluviosidade da região de Ibiapaba foi a que apresentou maior desvio (-36,4%), seguido do Maçico de Baturité (-30,9%) e Litoral de Fortaleza (-29,8%), como pode ser observado na Tabela 4.2 a seguir.

Tabela 4.2 – Comparativo do desvio percentual entre a média das normais e a média das pluviosidades observadas no 2º trimestre de 2014 e 2º trimestre de 2013

Macrorregião	2º trimestre 2013			2º trimestre 2014		
	Normal (mm)	Observado (mm)	Desvio (%)	Normal (mm)	Observado (mm)	Desvio (%)
Maciço de Baturité	435,9	418	-4,1	435,9	301	-30,9
Litoral de Pedem	371,3	382,8	3,1	371,3	284,7	-23,3
Litoral Norte	393,1	370,3	-5,8	393,1	296,1	-24,7
Jaguaribana	324,1	359,6	11	324,1	235,3	-27,4
Litoral de Fortaleza	497,1	356,9	-28,2	497,1	348,9	-29,8
Ibiapaba	333,1	284,1	-14,7	333,1	211,8	-36,4
Cariri	256,8	254,5	-0,9	256,8	222,9	-13,2
Sertão Central e Inhamuns	252,6	206,5	-18,3	252,6	171,8	-32
Ceará	311,6	284,9	-8,6	311,6	222,6	-28,5

Fonte: FUNCEME.

Diante desse cenário de escassez de chuvas, as estimativas realizadas pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola LSPA/IBGE¹ para a produção de grãos no Ceará indica uma redução na produção no período do segundo trimestre de 2014, quando em abril a produção de arroz apresentou estimativa de 78 mil toneladas e passou para 72 mil toneladas em junho. Também verificou-se redução para a produção de feijão e milho. Todas essas atividades tiveram reduções nas estimativas devido à irregularidade pluviométrica.

Porém, essas estimativas apontam que a produção de grãos no Ceará para o ano de 2014 será maior que o ano de 2013, indicando um melhor desempenho da agropecuária no ano corrente. Os valores estimados no mês de agosto para a produção de feijão para o ano de 2014, apontam crescimento de 164,52%, relativamente à produção obtida em 2013. A produção de milho, para essa mesma comparação, indica um crescimento de 259,86%. O total de produção de grãos no Ceará em 2014 indica um crescimento de 190%, comparado a produção obtida em 2013.

¹ As estimativas realizadas pelo LSPA/IBGE começa o ano com a estimativa com base nas safras passadas e nas condições de plantio. Esta sistemática possibilita, a cada mês da fase de tratamentos culturais, a correção das estimativas para as variáveis investigadas.

Tabela 4.3 – Produção de Grãos (em toneladas) no Ceará - 2013-2014

Produção de Grãos	Produção 2013 *	Estimativa 2014				Var % estimativa atual/prod. 2013
		Abril	Maió	Junho	Atual**	
Arroz	49.268	78.844	73.112	72.372	70.741	43,58
Feijão	55.635	226.440	220.545	169.045	147.168	164,52
Milho	132.613	740.142	747.830	569.390	477.218	259,86
Sorgo	1.270	1.969	1.699	1.685	1.685	32,68
Fava	1.616	3.133	3.135	3.192	2.947	82,36
Total de grãos	243.471	1.060.305	1.055.454	823.023	706.111	190,02

Fonte: IBGE. Nota: (*) O valor de 2013 refere-se a produção obtida e o valor de 2014 corresponde a estimativa.

(**) Última estimativa realizada no mês de agosto/14.

Quanto a produção de frutas, observou-se que as estimativas nos três meses do 2º trimestre apresentaram pequenas variações, explicadas pelo fato dessas atividades serem menos dependente de chuva, por serem irrigadas, e por ter suas colheitas mais concentrada no segundo semestre do ano. A última estimativa de produção, realizada em agosto, quando comparado com a produção de obtida em 2013, verificou-se que apenas maracujá e abacaxi tiveram suas estimativas de produção abaixo da observada. Destaca-se a projeção da produção de castanha de caju em 2014, que indica um crescimento de 204%, comparada a 2013. Destaque também para o aumento da produção de coco-da-baía (água) (106,7%), castanha de caju (204,2%), melão (85,3%) e banana (30,5%).

Tabela 4.4 – Produção de Frutas (em toneladas) no Ceará - 2013-2014

Produção de Frutas	Produção 2013 *	Estimativa 2014				Var % estimativa atual/prod. 2013
		Abril	Maió	Junho	Atual**	
Acerola	15.232	18.935	18.995	18.995	18.980	24,61
Banana	375.344	502.007	508.462	503.874	489.716	30,47
Goiaba	14.081	16.641	18.209	18.209	18.153	28,92
Laranja	13.554	23.101	17.215	17.185	17.123	26,33
Mamão	117.363	120.836	126.047	131.351	134.679	14,75
Manga	46.599	51.987	53.507	53.503	52.933	13,59
Maracujá	213.908	172.823	172.804	172.744	172.744	-19,24
Melancia	68.897	85.530	85.530	85.610	81.434	18,20
Melão	212.362	361.484	631.484	361.484	393.484	85,29
Castanha de caju	52.973	162.691	162.633	162.105	161.130	204,17
Abacaxi ***	11.247	11.080	11.080	11.047	11.021	-2,01
Coco-da-baía (seco)	101.938	147.905	147.883	147.029	132.982	30,45
Coco-da-baía (água)	104.140	218.228	217.517	215.673	215.219	106,66

Fonte: IBGE. Notas: (*) O valor de 2013 refere-se a produção obtida e o valor de 2014 corresponde a estimativa.

(**) Última estimativa realizada no mês de agosto/14

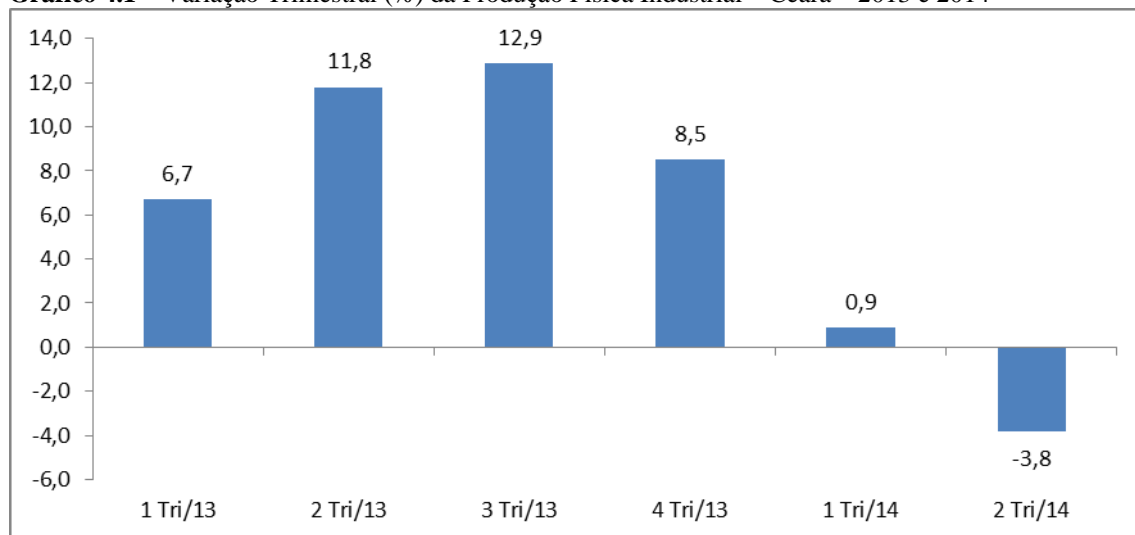
(***) Produção em mil frutos.

4.2 Indústria

Indústria de Transformação – Produção Física

No segundo trimestre de 2014, a indústria de transformação cearense voltou a registrar redução na produção após cinco trimestres seguidos de crescimento. De acordo com o indicador de produção física da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE (PIM-PF/IBGE)², entre os meses de abril e junho de 2014, a indústria local apresentou uma queda na produção de 3,8% sobre igual trimestre de 2013. O resultado do segundo quarto do ano reforça a redução de ritmo observada ainda no primeiro trimestre, quando a indústria cresceu apenas 0,9%. No último trimestre de 2013, na comparação com 2012, o crescimento foi de 8,5%. Os números são apresentados no Gráfico 4.1.

Gráfico 4.1 – Variação Trimestral (%) da Produção Física Industrial – Ceará – 2013 e 2014



Fonte:

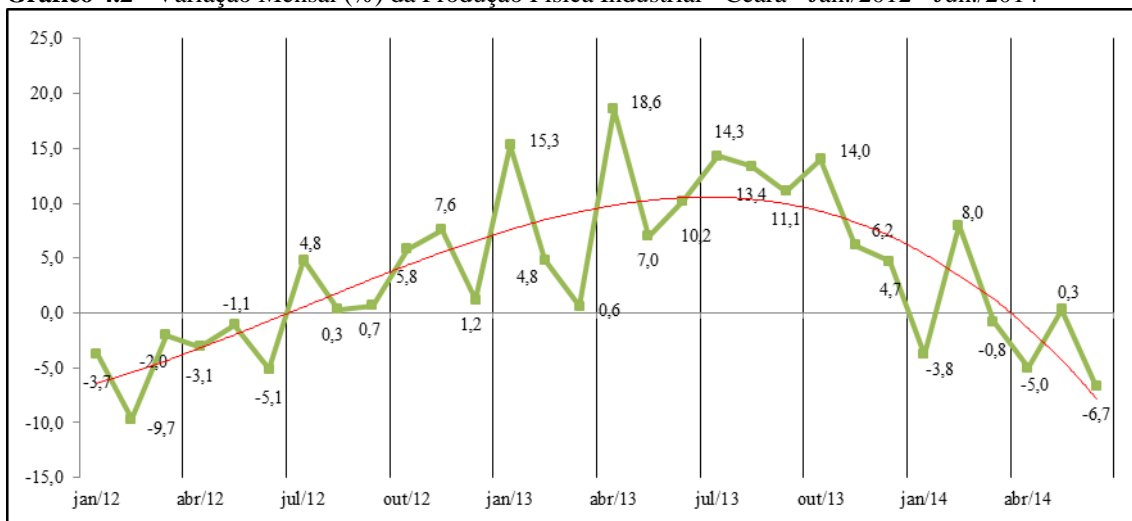
PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior.

O comportamento trimestral foi determinado pelos resultados negativos dos meses de abril e junho, que apresentaram reduções de 5,0% e 6,7%, respectivamente, quando comparados aos mesmos meses de 2013. Na verdade, nos primeiros seis meses de 2014, apenas em fevereiro (8,0%) e em maio (0,3%) a indústria apresentou resultado positivo na produção. O Gráfico 4.2 deixa claro a perda de dinamismo experimentada pela manufatura cearense em 2014, após o período de recuperação em 2013.

² É importante destacar que a Pesquisa Industrial Mensal – produção física (PIM-PF) passou por uma reformulação. Seu ano base passou de 2002 para 2012 e nesta mudança aconteceram algumas alterações importantes: a) adoção da CNAE 2.0, b) atualização da amostra de setores, produtos e informantes, e c) atualização da estrutura de ponderação dos índices. Maiores informações em http://www.ibge.gov.br/home/disseminacao/destaques/2014_05_20_reformulacao_pim_pf.shtm

Gráfico 4.2 - Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial - Ceará - Jan./2012 - Jun./2014

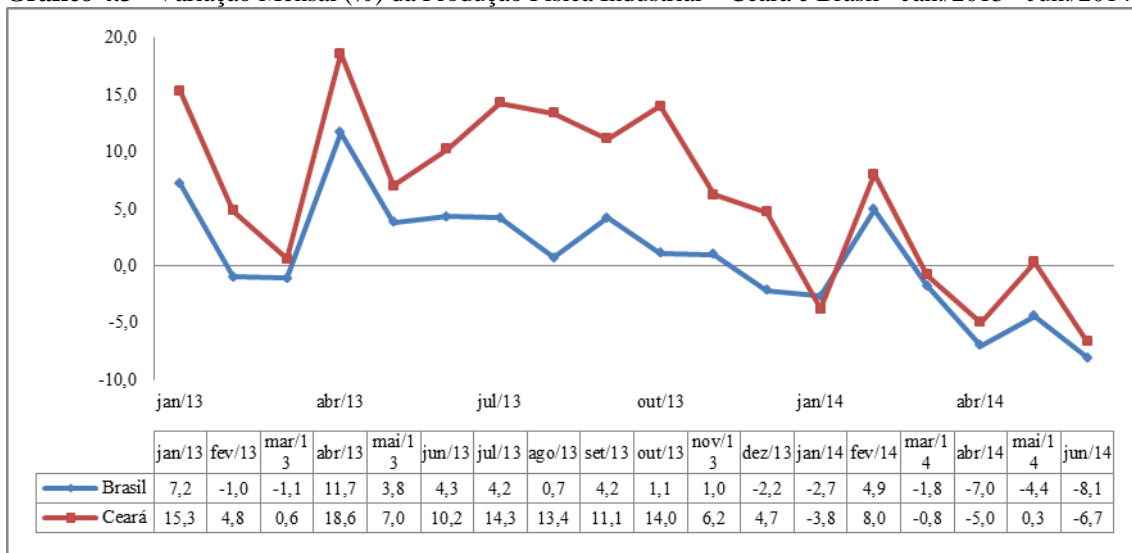


Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior. (-----) Linha de Tendência.

Como no primeiro período, no segundo trimestre de 2014 a indústria local manteve uma trajetória similar à observada para indústria nacional. Este comportamento difere do registrado em 2013, quando a manufatura cearense seguiu uma trajetória mais descolada da manufatura nacional. De fato, os desempenhos são similares, com a indústria nacional crescendo 0,5% nos meses iniciais de 2014 e decrescendo 5,4% no segundo trimestre do ano. O Gráfico 4.3, a seguir, apresenta as trajetórias.

Gráfico 4.3 - Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial – Ceará e Brasil - Jan./2013 - Jun./2014



Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior.

O resultado para indústria de transformação cearense no primeiro semestre foi inferior ao registrado no mesmo período do ano anterior (9,2%). De certa forma, o desempenho

apresentado sofre o efeito da base de comparação elevada, retrato do bom início de 2013. A performance estadual é superior à registrada pelo país (-3,4%), mas é inferior à observada para região Nordeste (-0,2). Apesar das diferenças e a despeito da base de comparação, os percentuais registrados revelam um ambiente de menor dinamismo e retração na indústria nacional que rebate nas realidades dos Estados e Regiões.

De fato, entre os quatorze Estados pesquisados, nove deles acumulam resultados negativos em 2014. Entre os que apresentaram redução na produção, a indústria cearense é mais bem posicionada, com queda acumulada de 1,5% em relação ao mesmo período de 2013. Entre os destaques negativos, estão Espírito Santo (-5,7%), Bahia (-5,1%) e São Paulo (-5,0%). Por outro lado, se diferenciam com resultados positivos no primeiro semestre as indústrias de Pernambuco (3,7%) e do Pará (3,3%).

A Tabela 4.5 traz os resultados para os Estado pesquisados, para o país e para região Nordeste considerando os anos de 2013 e 2014.

Tabela 4.5 - Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial - Brasil e Estados - 2013 e 2014

Brasil e Estados	Variação Mensal (2013)			Acumulado Ano (2013)	Variação Mensal (2014)			Acumulado Ano (2014)
	Abr	Mai	Jun		Abr	Mai	Jun	
Brasil	11,7	3,8	4,3	4,1	-7,0	-4,4	-8,1	-3,4
Nordeste	13,1	5,9	8,6	5,6	1,3	-2,6	-9,2	-0,2
Pernambuco	3,7	1,5	2,6	-2,2	3,1	1,7	-7,3	3,7
Pará	-2,6	-8,4	-9,1	-6,4	1,3	5,8	0,1	3,3
Amazonas	15,5	7,4	0,4	3,1	-0,7	-6,5	-17,1	1,2
Goiás	13,9	-3,6	3,3	7,1	-2,9	3,8	4,0	0,5
Mato Grosso	-5,6	-4,1	2,1	-5,0	3,8	1,1	-7,1	0,4
Ceará	18,6	7,0	10,2	9,2	-5,0	0,3	-6,7	-1,5
Santa Catarina	9,8	-1,1	3,3	0,8	-6,5	-0,2	-7,5	-1,7
Minas Gerais	6,6	5,1	3,8	3,2	-7,1	-5,3	-7,9	-2,9
Rio Grande do Sul	15,5	5,7	10,9	6,3	-10,4	-7,3	-11,9	-3,9
Paraná	13,0	2,3	2,7	1,7	-12,9	-5,4	-14,0	-4,3
Rio de Janeiro	0,7	-0,6	4,6	4,3	-8,9	-10,7	-2,2	-4,8
São Paulo	14,2	5,9	7,7	5,5	-9,0	-3,5	-6,5	-5,0
Bahia	15,7	7,5	11,1	9,8	-1,3	-8,1	-12,9	-5,1
Espírito Santo	0,4	1,8	-6,8	-4,2	-3,4	-6,8	-1,8	-5,7

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2014.

Resultados Setoriais

O resultado para indústria cearense reflete o comportamento apresentado pela maioria dos segmentos que a compõem. De fato, entre onze atividades pesquisadas, seis apresentaram

resultados negativos para o primeiro semestre. Considerando apenas o segundo trimestre, foram nove atividades que encolheram em relação a igual período de 2013.

Os resultados podem ser explicados por alguns motivos principais. Um deles é a elevada base de comparação em que se configura o ano de 2013, período de retomada da indústria. Outro fator é o menor número de horas trabalhadas, especialmente em junho, devido às paralisações para Copa do Mundo de Futebol. Por fim, um terceiro ponto e de maior gravidade, é que os resultados do segundo trimestre, e do acumulado do ano, explicitam o momento difícil para indústria que se configura o ano de 2014, no qual tanto a indústria nacional quanto a cearense acumulam maus desempenhos influenciados, dentre outros, por problemas estruturais de competitividade.

Neste contexto, segmentos importantes da indústria cearense acumulam resultados negativos, consequência de dois trimestres seguidos de redução na produção física. São os casos dos setores de Fabricação de produtos têxteis e de Fabricação de calçados e artigos de couro, que registraram reduções de 22,5% e 5,8%, respectivamente, nos seis primeiros meses de 2014 em relação ao ano anterior.

Quanto ao setor Têxtil, a redução nas exportações e a concorrência com os produtos importados ajudam a entender a situação. Já para o setor de Calçados e couros, embora as exportações tenham apresentado crescimento, a produção não acompanhou o movimento. Neste particular, podem explicar o comportamento um movimento de ajuste de estoques e a concorrência interna e externa com produtos de outros países ou de outros Estados.

Por outro lado, algumas atividades se diferenciam com resultados positivos em um ambiente de retração para a maioria. No primeiro semestre, se destaca a produção de alimentos e de derivados de petróleo, com expansões de 8,4% e 18,1%, respectivamente. Destacam-se ainda, a produção de bebidas e a produção de confecção com crescimentos, respectivos, de 3,6% e 4,1%, ainda sob o efeito do bom primeiro trimestre, no qual as encomendas para o período da Copa do Mundo de Futebol, ocorrida em junho, exerceu forte influência. A Tabela 4.6 apresenta os números.

Tabela 4.6 – Variação Trimestral (%) da Produção Física Industrial por Setores – Ceará – 2013 e 2014

Setores	Variação Trimestral (2013)		Acumulado Ano (2013)	Variação Trimestral (2014)		Acumulado Ano (2014)
	2013.I	2013.II		2014.I	2014.II	
Indústrias de transformação	6,7%	11,8%	9,2	0,9%	-3,8%	-1,5
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	4,4%	7,7%	6,1	16,5%	19,8%	18,1
Fabricação de produtos alimentícios	-5,5%	3,1%	-1,2	9,0%	7,9%	8,4
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	-2,0%	16,4%	7,7	20,4%	-8,4%	4,1
Fabricação de bebidas	12,4%	9,8%	11,1	7,2%	-0,1%	3,6
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-20,3%	-8,4%	-14,5	9,1%	-7,6%	0,4
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	18,8%	18,7%	18,7	-7,3%	-4,1%	-5,8
Metalurgia	26,3%	38,3%	32,0	-10,7%	-3,9%	-7,3
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-9,2%	-0,4%	-4,8	0,8%	-17,9%	-8,8
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	24,1%	23,5%	23,8	-4,4%	-15,0%	-9,9
Fabricação de outros produtos químicos	13,3%	20,3%	16,8	-8,3%	-17,0%	-12,8
Fabricação de produtos têxteis	0,6%	3,8%	2,2	-21,5%	-23,5%	-22,5

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2014.

Em relação ao país, o estado do Ceará registrou desempenho superior no acumulado do ano em cinco dos onze setores pesquisados. Dentre estes se destacam as atividades de Fabricação de derivados de petróleo, Produtos alimentícios, Confecção de artigos do vestuário e Fabricação de bebidas.

Por outro lado, entre aquelas que o Estado apresentou um desempenho inferior, se encontram as atividades de Fabricação de Produtos têxteis e Fabricação de calçados, destacadas anteriormente. Tal quadro indica um efeito mais intenso da conjuntura atual na economia cearense quando se considera tais segmentos. Os resultados constam na Tabela 4.6.

Tabela 4.6 - Variação Trimestral (%) da Produção Física Industrial por Setores - Brasil e Ceará -2014

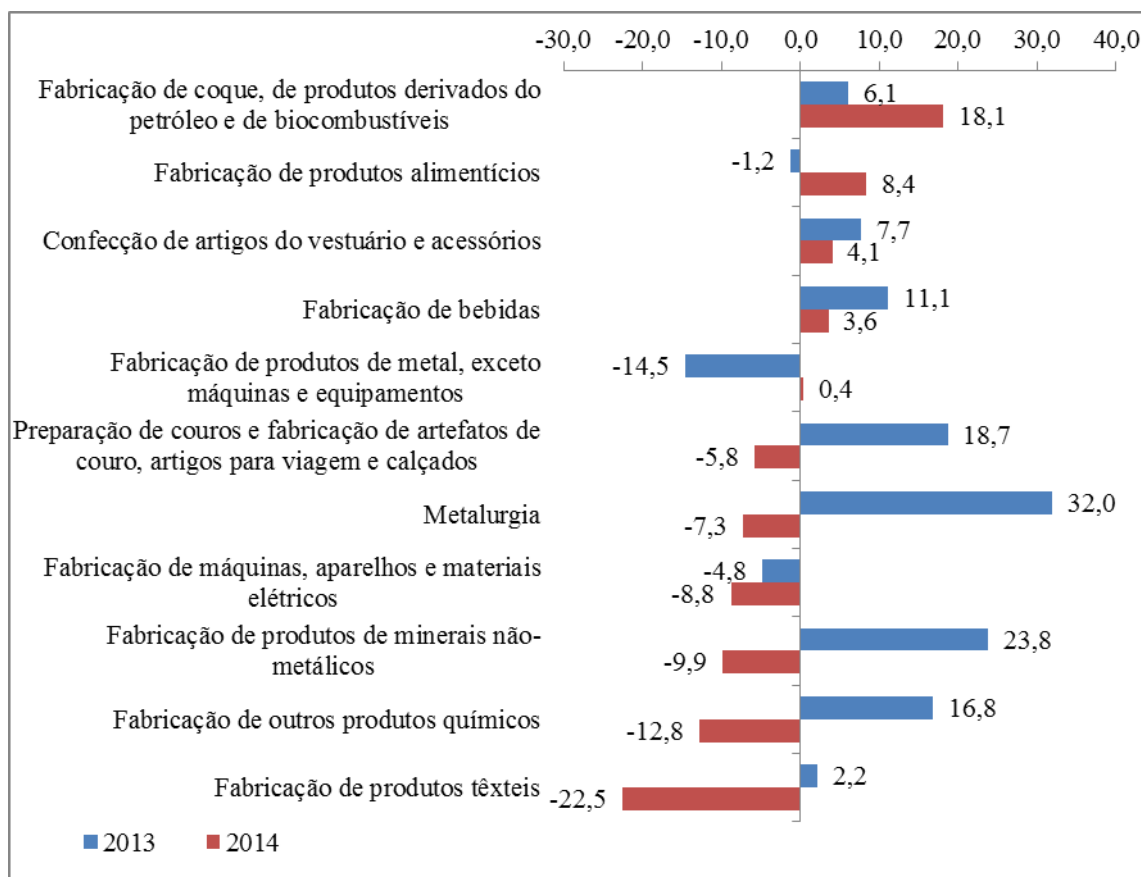
Setores	BRASIL			CEARÁ		
	Variação Trimestral (2014)		Acumulado Ano (2014)	Variação Trimestral (2014)		Acumulado Ano (2014)
	2014.I	2014.II		2014.I	2014.II	
Indústria de transformação	0,1%	-6,5%	-3,4%	0,9%	-3,8%	-1,5
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	0,0%	3,1%	1,6%	16,5%	19,8%	18,1
Fabricação de produtos alimentícios	1,9%	2,2%	2,1%	9,0%	7,9%	8,4
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	3,9%	-7,6%	-2,4%	20,4%	-8,4%	4,1
Fabricação de bebidas	1,8%	4,8%	3,2%	7,2%	-0,1%	3,6
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-8,3%	-12,4%	-10,4%	9,1%	-7,6%	0,4
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-3,2%	-6,1%	-4,7%	-7,3%	-4,1%	-5,8
Metalurgia	0,2%	-9,9%	-5,0%	-10,7%	-3,9%	-7,3
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-4,0%	-11,5%	-7,8%	0,8%	-17,9%	-8,8
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	1,0%	-4,9%	-2,0%	-4,4%	-15,0%	-9,9
Fabricação de outros produtos químicos	-1,3%	-6,6%	-4,0%	-8,3%	-17,0%	-12,8
Fabricação de produtos têxteis	-5,1%	-9,2%	-7,2%	-21,5%	-23,5%	-22,5

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2014.

O desempenho de cada setor industrial da economia cearense pode ser mais bem visualizado através do Gráfico 4.4, a seguir, que compara a taxa de crescimento acumulada para os anos de 2013 e 2014.

Gráfico 4.4 - Taxa de Crescimento Acumulada (%) da Produção Industrial por Setores Industriais- 2013 e 2014
- Ceará



Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2013.

Emprego na Indústria

Os indicadores do mercado de trabalho para indústria cearense, fornecidos pela Pesquisa Industrial Mensal de Empregos e Salários (PIMES/IBGE), registraram resultados negativos para o primeiro semestre do ano. Pessoal ocupado, Número de horas trabalhadas e Folha de pagamento real registraram taxas negativas, respectivamente, -1,4%, -2,0% e -0,9%, no primeiro semestre de 2014 em relação a igual período de 2013.

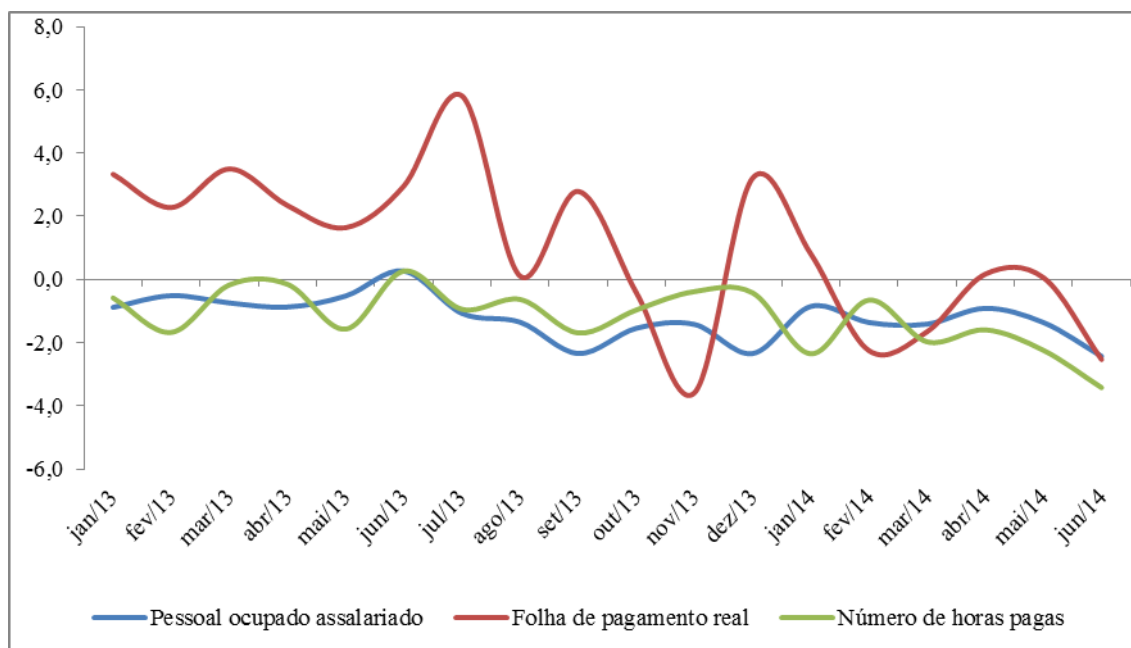
Pessoal ocupado e número de horas pagas mantiveram suas trajetórias negativas, preservando um comportamento presente em todo ano de 2013 e início de 2014. Tais resultados são coerentes com o comportamento da produção na primeira metade de 2014. Para o número de horas pagas, em particular, cabe destacar que o indicador foi influenciado pelas paralizações em decorrência da Copa de Mundo de Futebol.

Em conjunto, os indicadores acima podem ser lidos como indicadores antecedentes do que pode acontecer com a produção no futuro próximo. O mesmo é válido para estoque de

trabalhadores quando se considera apenas o número de horas pagas. Neste sentido, as expectativas continuam desfavoráveis ao final do segundo trimestre, assim como estavam no final do primeiro trimestre. Por outro lado, o quadro pode ser aliviado pelas encomendas para o final de ano que chegam à indústria já no terceiro trimestre.

A folha de pagamento nominal também registrou resultados negativos para o primeiro semestre. Tal movimento parece indicar uma nova realidade para os ganhos salariais na atividade industrial. De fato, ao longo dos últimos dois anos a atividade industrial no Estado vem sendo pressionada com aumentos persistentes na folha de pagamento em um ambiente de redução no ritmo da produção, no estoque e na intensidade de uso do fator trabalho. O momento atual pode ser de ajuste, o que de certa forma reduz a pressão de custos sobre a atividade industrial. O Gráfico 4.5 apresenta a trajetória e a Tabela 4.7 apresenta os dados trimestrais.

Gráfico 4.5 - Variação Mensal (%) da Folha de Pagamento Nominal, Pessoal Ocupado Assalariado e Número de Horas Pagas – Ceará. Jan./2013 a Jun./ de 2014



Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior.

Tabela 4.7 - Variação Trimestral (%) da Folha de Pagamento Nominal, Pessoal Ocupado Assalariado e Número de Horas Pagas – Ceará.

Indicador	Variação Trimestral (2013)		Acumulado Ano (2013)	Variação Trimestral (2014)		Acumulado Ano (2014)
	2013.I	2013.II		2014.I	2014.II	
Pessoal ocupado assalariado	-0,7%	-0,4%	-0,5%	-1,2%	-1,6%	-1,4%
Folha de pagamento real	3,0%	2,3%	2,7%	-1,0%	-0,8%	-0,9%
Número de horas pagas	-0,8%	-0,5%	-0,7%	-1,7%	-2,4%	-2,0%

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior.

Após um primeiro trimestre de leve expansão, os resultados assinalados para o primeiro semestre de 2014 revelam um momento de retração da indústria. Os desempenhos anteriores, embora positivos, já assinalavam uma perda de dinamismo da indústria, iniciada ainda na segunda metade de 2013. Apesar das medidas de estímulo adotadas em nível nacional, a indústria brasileira e, em particular, a cearense não conseguem retomar um crescimento consistente, e continuam a sofrer com a concorrência internacional e com questões estruturais que reduzem o poder de competição. Tal quadro pode, ainda, estar potencializado pelo ambiente de deterioração das expectativas e de incertezas diante do modo atual de condução da política econômica do cenário político em ano de eleição. Considerando o mercado de trabalho, o comportamento dos indicadores não sinaliza para uma aceleração da produção industrial. De todo modo, como já destacado, o quadro pode ser aliviado pelas encomendas para o final de ano que realizadas pelo comércio e que chegam à indústria no terceiro trimestre do ano.

4.3 Serviços

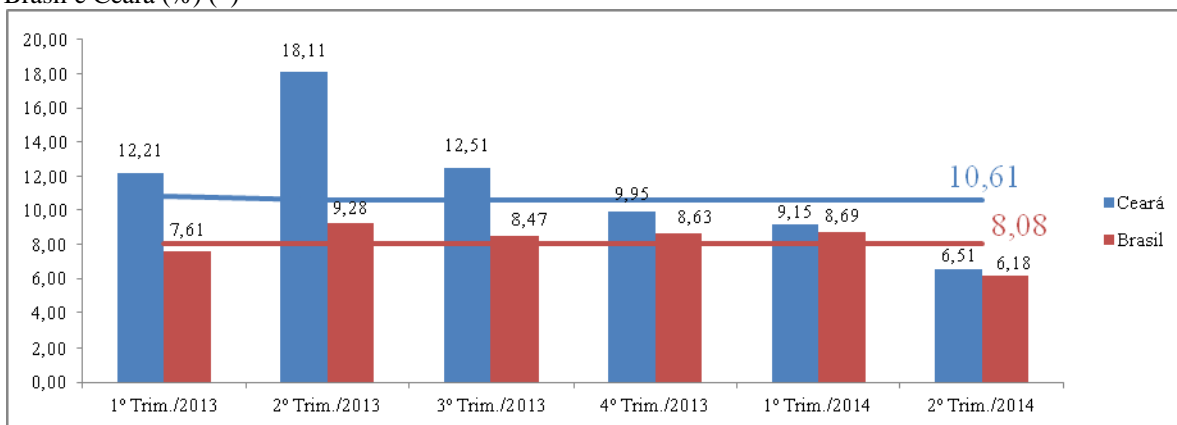
4.3.1 Pesquisa Mensal dos Serviços

Evolução da Receita Nominal de Serviços

Com base nos dados da PMS observa-se que o setor de serviços vem revelando uma nítida desaceleração comparada aos trimestres anteriores quando no segundo trimestre registrou um crescimento de 6,51% comparado com o mesmo trimestre do ano passado. Nota-se que a taxa de crescimento mais recente representou praticamente um terço do crescimento registrado no segundo trimestre de 2013. (Gráfico 4.6).

Isso pode ser explicado, em parte, pela redução no ritmo de consumo das famílias e das despesas do Governo. Deve-se considerar também a elevação da taxa da inflação do setor de serviços, a qual vem se mantendo acima do índice de inflação geral, ambas medidas pelo IPCA.

Gráfico 4.6 – Evolução da variação trimestral da receita nominal de serviços – 1º Trim./2013 a 1º Trim./2014 - Brasil e Ceará (%) (*)



Fonte: PMS (IBGE). Elaboração: IPECE.

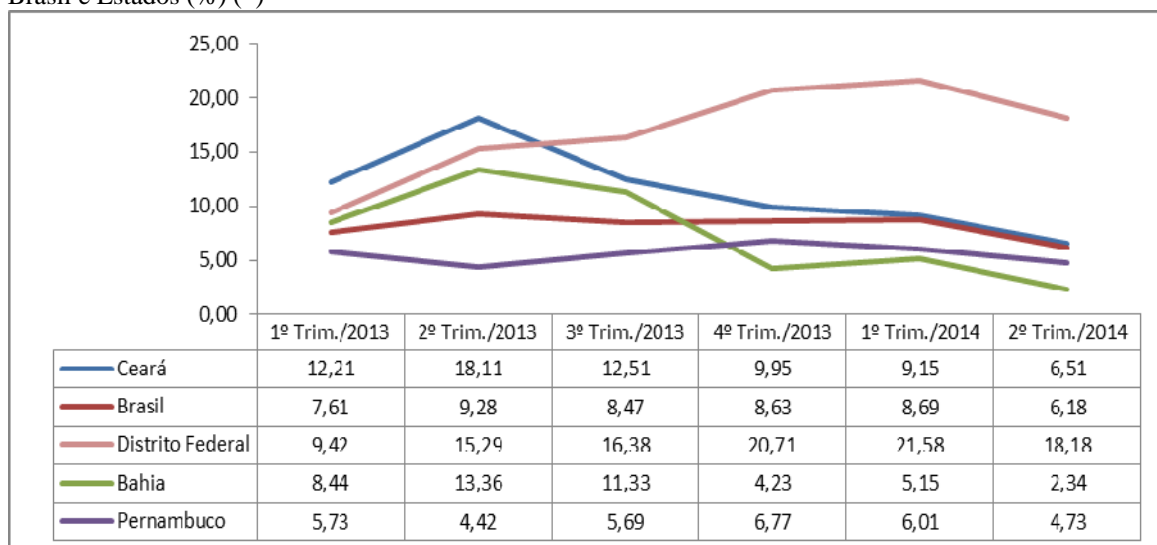
(*) Taxa de crescimento em relação ao mesmo período do ano anterior.

Receita Nominal de Serviços no Contexto Nacional

Tomando como base a evolução trimestral do setor de serviços, o Brasil encontra-se, de um modo geral, em uma situação um pouco pior do que no trimestre anterior, com uma tendência de desaceleração no ritmo de crescimento.

Nota-se, ainda, que o desempenho observado na trajetória de crescimento do setor de serviços cearense tem convergido para o nível registrado pelo Brasil, ficando, no entanto, bem abaixo do registrado do Distrito Federal. Não obstante, o Ceará ainda apresenta uma taxa de crescimento no setor de serviços superior à registrada em Pernambuco, estado de grande porte da região Nordeste. (Gráfico 4.7).

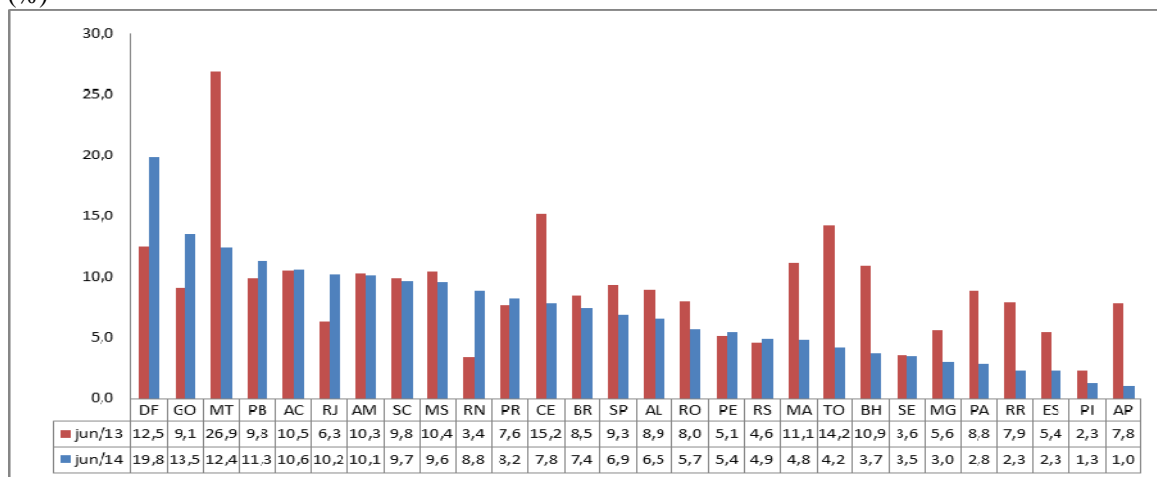
Gráfico 4.7 – Evolução da variação trimestral da receita nominal de serviços – 1º Trim./2013 a 1º Trim./2014 - Brasil e Estados (%) (*)



Fonte: PMS (IBGE). Elaboração: IPECE.

No acumulado do ano, os dados sobre a atividade econômica de serviços reforçam a baixa dinâmica quando comparados com 2013. Com base no Gráfico 4.8 é possível notar que a maioria dos estados brasileiros apresentaram taxas menores em 2014 na comparação com 2013.

Gráfico 4.8 – Variação da receita nominal de serviços acumulada no ano –Junho/2013-2014 - Brasil e Estados (%)

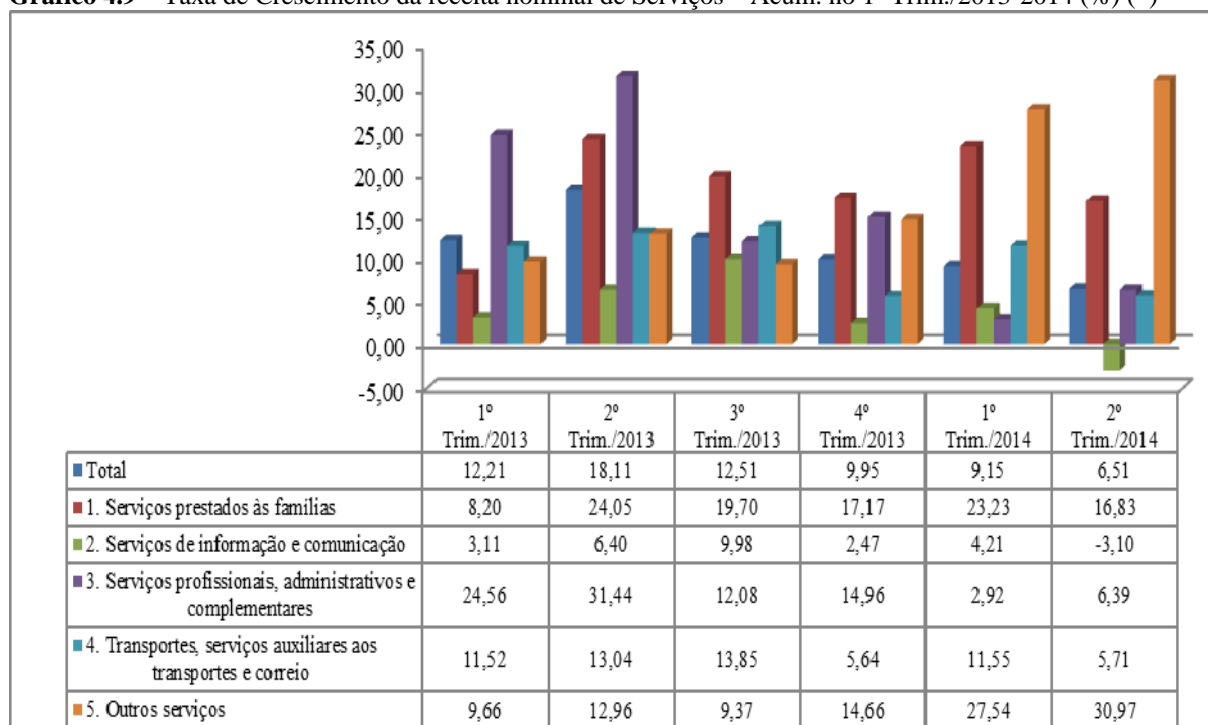


Fonte: PMS (IBGE). Elaboração: IPECE. (*) Taxa de crescimento em relação ao mesmo período do ano anterior.

Receita Nominal de Serviços por Atividades

Os resultados setoriais trimestrais cearense nos dois trimestres de 2014 apresentaram valores inferiores aos dos períodos anteriores. Em linhas gerais, destacam-se os serviços prestados às famílias os quais vêm apresentando taxas positivas elevadas nos últimos dois trimestres da série analisada. (Gráfico 4.9).

Nota-se que dos cinco setores investigados apenas um registrou queda no segundo trimestre (Serviços de informação e comunicação) e que os outros vêm apresentando clara desaceleração no ritmo de crescimento. Isso deve ter contagiado o comportamento da trajetória de crescimento do índice geral do setor de Serviços. (Gráfico 4.9).

Gráfico 4.9 – Taxa de Crescimento da receita nominal de Serviços – Acum. no 1º Trim./2013-2014 (%) (*)

Fonte: PMS (IBGE). Elaboração: IPECE.

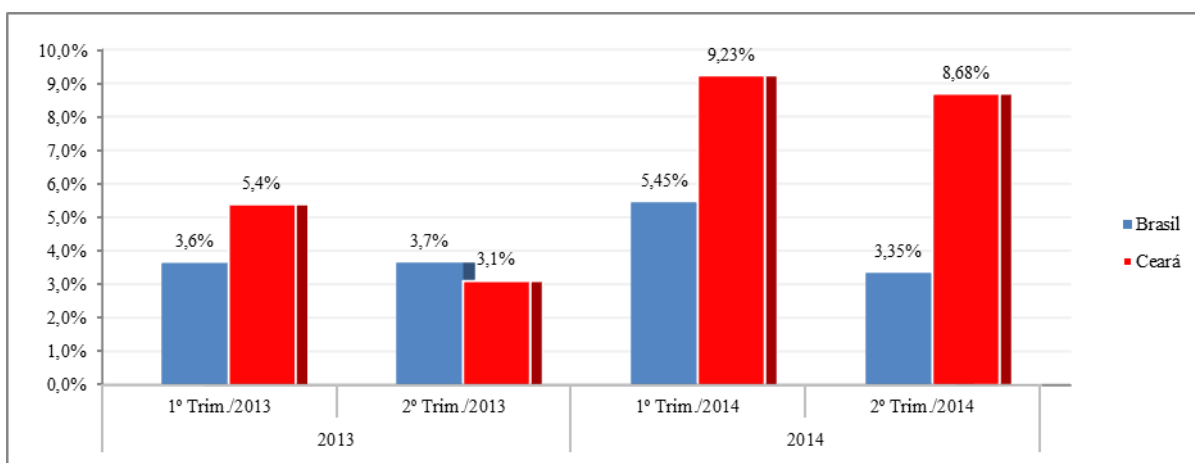
(*) Taxa de crescimento em relação ao mesmo período do ano anterior.

4.3.2 Comércio Varejista

Varejo Comum

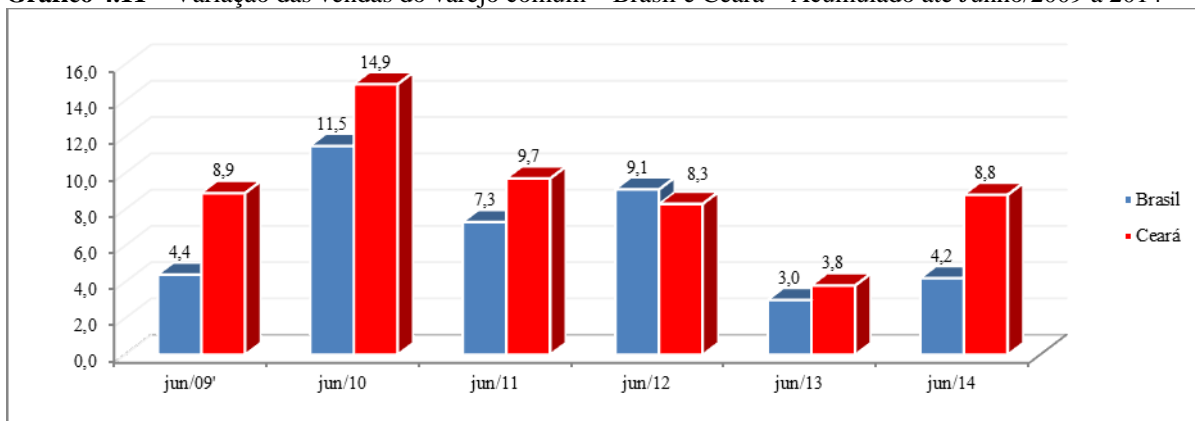
Dados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) realizada pelo IBGE registraram alta de 8,7% no segundo trimestre de 2014 no varejo comum cearense, variação levemente inferior à registrada no primeiro trimestre do mesmo ano quando foi observada uma variação de 9%, ambos comparados com o mesmo período do ano passado. O desempenho registrado no segundo trimestre pelo varejo comum cearense ficou quase três vezes acima do registrado pelo varejo do país que obteve alta de 3,4%.

Ao se comparar com o desempenho observado em igual período do ano anterior, pode-se notar que o varejo cearense em 2014 revelou uma nítida ascensão no ritmo de crescimento das vendas quando no 2º trimestre de 2013 o varejo cearense havia crescido apenas 3,1% (Gráfico 4.10).

Gráfico 4.10 – Variação das vendas do varejo comum – Brasil e Ceará – 1º e 2º Trimestres/2013 e 2014

Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

O efeito do desempenho trimestral se refletiu diretamente na taxa de crescimento das vendas no acumulado do ano que registrou taxas de 8,8% para o varejo comum cearense e apenas 4,2% para o varejo nacional, ambos registrando uma retomada na comparação com o desempenho acumulado observado em igual período de 2013. Nota-se ainda que o desempenho do varejo alencarino no acumulado de 2014 foi superior ao registrado em 2012, mais inferior aos demais anos (Gráfico 4.11).

Gráfico 4.11 – Variação das vendas do varejo comum – Brasil e Ceará – Acumulado até Junho/2009 a 2014

Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

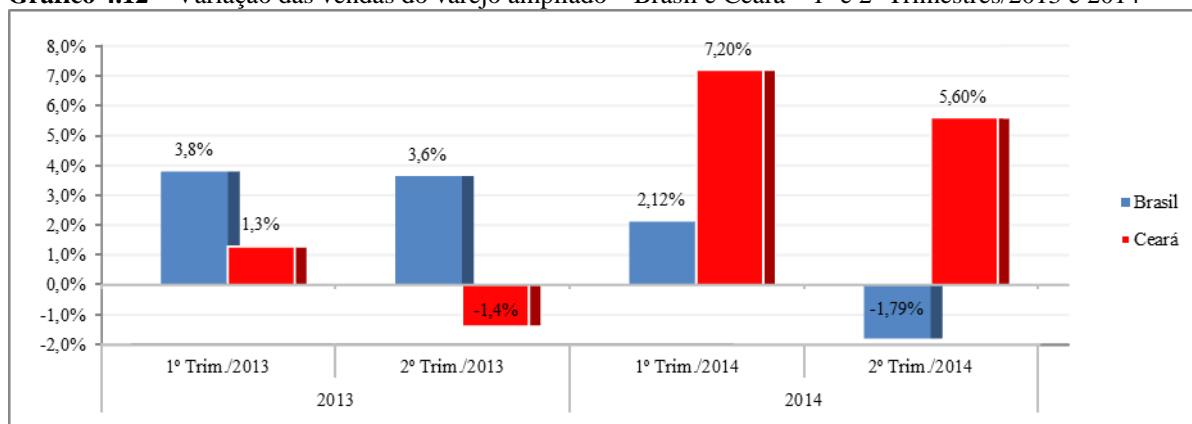
Varejo Ampliado

Quando se analisa o comportamento das vendas do varejo ampliado, que inclui também as vendas de veículos, motos e peças e de material de construção, nota-se que o Ceará também registrou taxa de crescimento positiva no segundo trimestre de 2014, mas inferior à registrada

pelo varejo comum, o que pode ser explicado pela queda nas vendas de automóveis no período.

Nota-se que o varejo nacional apresentou queda de 1,79% no segundo trimestre de 2014. Com esse resultado é possível notar o forte peso que os setores de veículos e de materiais de construção têm sobre o cálculo do índice do varejo ampliado. (Gráfico 4.12).

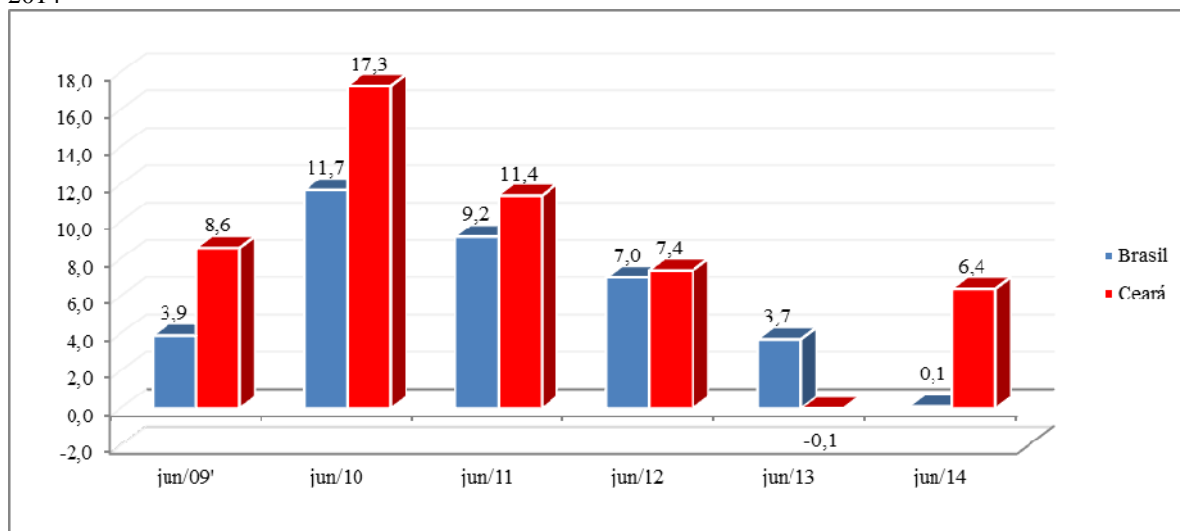
Gráfico 4.12 – Variação das vendas do varejo ampliado – Brasil e Ceará – 1º e 2º Trimestres/2013 e 2014



Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

Mais uma vez, os resultados trimestrais acabam determinando o comportamento do índice de crescimento do varejo ampliado no acumulado do ano, que registou taxas de 6,4% para o Ceará e de apenas 0,1% para o Brasil. (Gráfico 4.13). O desempenho observado no varejo cearense no primeiro semestre de 2014 revelou uma forte recuperação na comparação com o desempenho obtido em igual período de 2013, quando o varejo local registrou taxa negativa de 0,1%.

Note-se que enquanto o varejo cearense registrou alta no acumulado das vendas do varejo ampliado, o varejo nacional registrou forte queda na comparação com 2013. Isso pode ser explicado, em parte, pela elevação do custo nas compras de produtos o que pode ser reflexo da elevação sucessiva da taxa básica de juros da economia e também pelo efeito copa que acabou por estimular as vendas em alguns setores e desestimular as vendas em outros setores da economia nacional. O varejo local, de algum modo não foi tão afetado por essas medidas, talvez por causa das características locais de ser um estado cuja atividade é bastante concentrada na produção e vendas de alimentos, bebidas, têxtil, sapatos e couros.

Gráfico 4.13 – Variação das vendas do varejo ampliado – Brasil e Ceará – Acumulado até Junho/2009 a 2014

Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

Evolução Setorial das Vendas do Varejo

De acordo com a Tabela 4.8 os setores do varejo cearense que registraram as maiores taxas de crescimento no acumulado do primeiro semestre foram: Outros artigos de uso pessoal e doméstico (+22,4%); Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (+21,0%); e Móveis (+14,3%); Móveis e Eletrodomésticos (+14,2%) e Eletrodomésticos (13,4%).

Apenas as vendas de Livros, jornais, revistas e papelaria apresentaram queda de 4,0% no varejo cearense no período em análise, ao passo que quatro setores regrediram suas vendas no país: Veículos, motocicletas, partes e peças (-7,9%); Livros, jornais, revistas e papelaria (-5,6%); Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (-2,9%); e Tecidos, vestuário e calçados (-0,7%). A atividade que registrou o maior crescimento nas vendas do varejo nacional foi Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, com variação de 10,1% no período.

Vale destacar ainda que a exceção de Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos todas as demais atividades do varejo cearense registraram crescimento superior no acumulado do primeiro semestre de 2014 em relação ao varejo nacional, com destaque para as seguintes atividades: Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação com mais de 23,9 pontos percentuais de diferença; Outros artigos de uso pessoal e doméstico (+12,8 p.p.); Eletrodomésticos (+8,6 p.p.); e Material de Construção (+6,0 p.p.).

Enquanto o país registrou queda de 7,9% nas vendas de Veículos, motocicletas, partes e peças no acumulado do primeiro semestre de 2014, as vendas cearenses ainda conseguiram registrar uma variação positiva de 0,6%, mas em boa parte explicada pela queda de 7,8% ocorrida nas vendas locais no acumulado do primeiro semestre do ano de 2013.

Tabela 4.8 – Variação das vendas do varejo ampliado – Ceará – Acumulado até Junho/2010 – 2014

Atividades	Brasil					Ceará				
	jun/10	jun/11	jun/12	jun/13	jun/14	jun/10	jun/11	jun/12	jun/13	jun/14
Combustíveis e lubrificantes	5,6	2,8	4,7	6,2	4,1	3,5	-4,4	20,7	16,0	11,7
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	10,4	3,9	9,5	0,3	3,5	19,8	10,6	5,5	-0,2	4,8
Hipermercados e supermercados	10,1	3,8	10,0	0,4	3,4	20,4	10,8	5,6	-0,7	5,5
Tecidos, vestuário e calçados	10,1	7,7	1,1	3,0	-0,7	7,3	-0,6	5,2	4,3	8,8
Móveis e eletrodomésticos	20,6	17,7	14,1	3,7	5,1	20,7	14,7	18,5	5,5	14,2
Móveis	-	-	15,4	-4,1	7,3	-	-	7,8	23,4	14,3
Eletrodomésticos	-	-	12,6	7,5	4,8	-	-	26,8	-3,2	13,4
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	12,2	10,6	10,9	8,6	10,1	8,1	20,6	11,3	23,7	0,8
Livros, jornais, revistas e papelaria	8,1	8,6	4,0	4,3	-5,6	14,9	39,5	-5,3	1,2	-4,0
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	25,8	14,7	17,0	3,7	-2,9	24,9	16,2	-16,6	-11,8	21,0
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	6,1	6,5	7,5	9,6	9,6	7,5	3,5	-0,8	0,3	22,4
Veículos, motocicletas, partes e peças	11,6	12,0	3,1	4,2	-7,9	22,1	16,0	3,9	-7,8	0,6
Material de construção	15,9	12,6	9,3	6,8	2,0	16,4	2,0	17,6	0,1	8,0

Fonte: PMC-IBGE. Elaboração IPECE.

Nota: Ordenado pelo acumulado do ano de 2014.

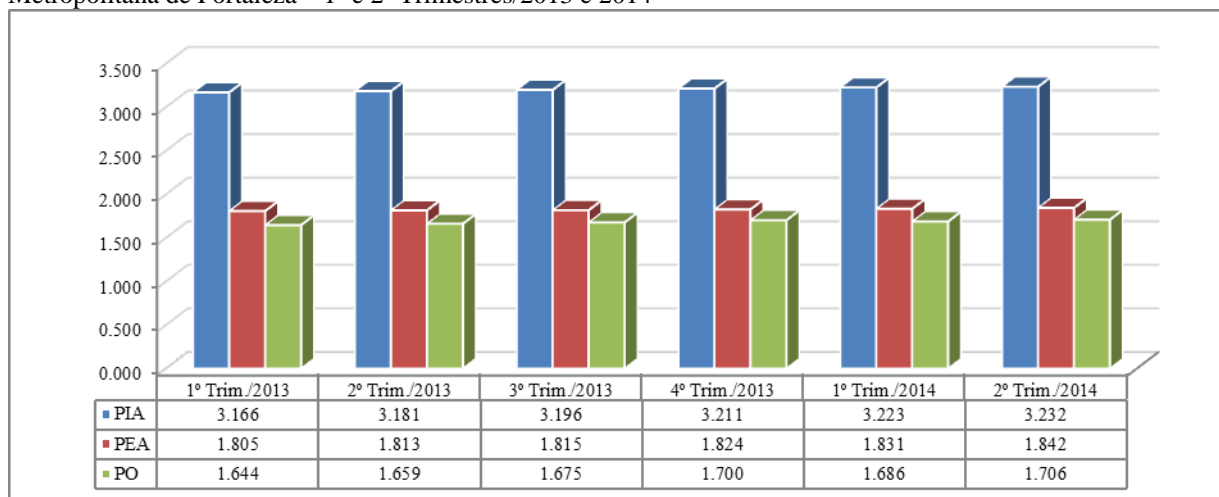
5 MERCADO DE TRABALHO

5.1. Região Metropolitana de Fortaleza

Segundo dados da PED-RMF, divulgada pelo SINE-IDT, é possível notar que a População em Idade Ativa (PIA), ou seja, aquela que tem 10 anos ou mais de idade, tenha registrado crescimento de 0,28% na comparação do primeiro com o segundo trimestre de 2014 e uma alta de 1,60% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. (Gráfico 5.1).

Com relação à População Economicamente Ativa (PEA), que é dada pelo número de pessoas em idade ativa que estão ocupadas ou que estão em busca de ocupação pressionando o mercado de trabalho, nota-se que a taxa de crescimento entre o segundo trimestre de 2014 e o segundo trimestre de 2013 foi de 1,60%, variação exatamente igual à da PIA. Isso mostra que à medida que as pessoas foram entrando na idade ativa houve uma pressão no mercado de trabalho. Todavia, esse fenômeno foi mais intenso na comparação do segundo com o primeiro trimestre de 2014 que registrou variação de 0,60%, superando o crescimento da PIA na mesma comparação, refletindo, de certo modo, uma maior oferta de mão de obra no mercado de trabalho na região metropolitana de Fortaleza.

Gráfico 5.1 – Estimativas da População em Idade Ativa, Economicamente Ativa e População Ocupada - Região Metropolitana de Fortaleza – 1º e 2º Trimestres/2013 e 2014



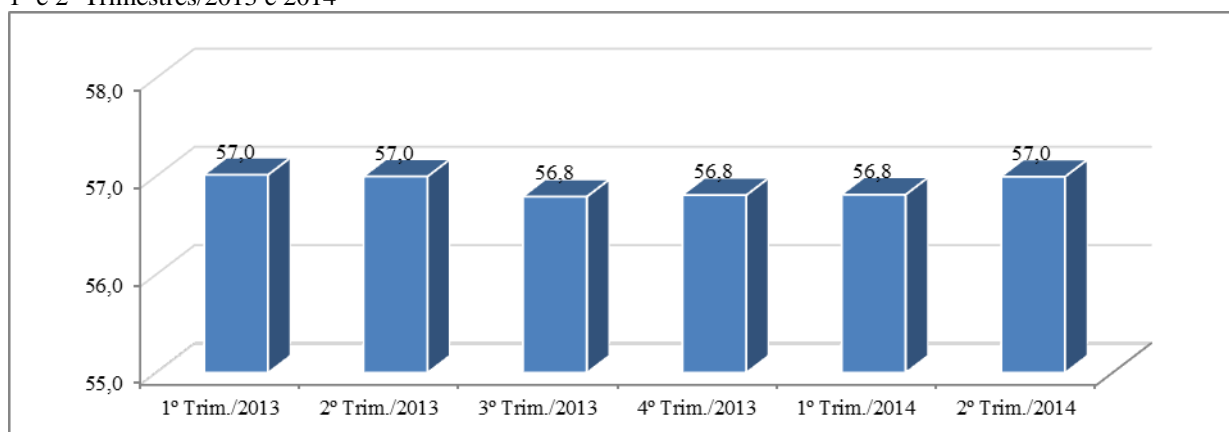
Fonte: IDT-SINE/Sine-CE, Fundação Seade-Dieese. Elaboração: IPECE.

Ademais, na análise do comportamento do pessoal ocupado, a variação entre os segundos trimestres de 2013 e 2014 foi de 2,83%, bem acima do que foi registrado pela PIA e PEA, revelando que a maior procura por emprego resultou em êxito na ocupação. Esse fenômeno se repetiu dentro do ano de 2014 quando a taxa de crescimento entre os dois primeiros trimestres foi de 1,19%.

Na análise do Gráfico 5.2 é possível observar o comportamento da Taxa de Participação no mercado de trabalho na RMF, medida pela razão entre PEA sobre PIA. Tal indicador tem a capacidade de capturar o nível de sensibilidade do interesse das pessoas em buscar trabalho/ocupação à medida que elas vão entrando na idade ativa.

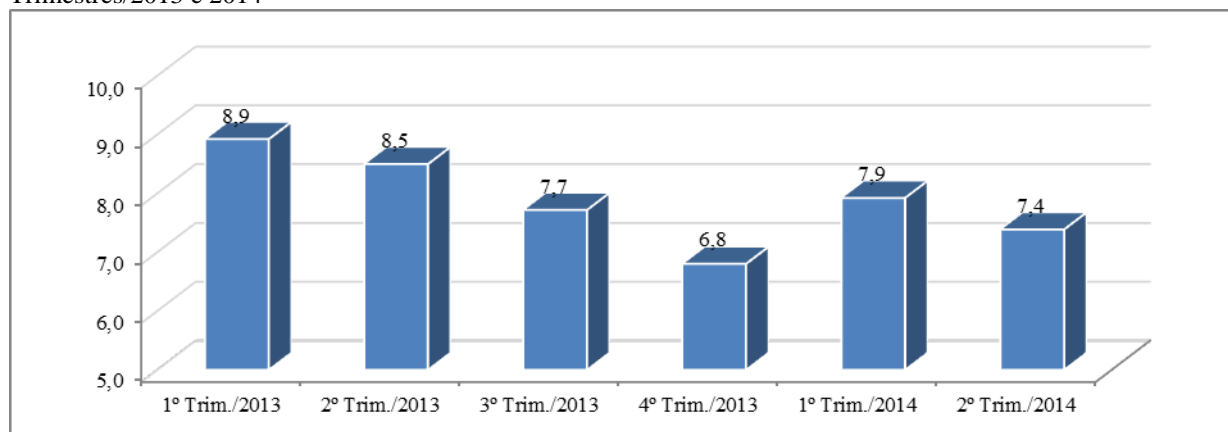
No primeiro trimestre de 2013 a taxa de participação no mercado de trabalho cearense era de 57% da população em idade ativa, mostrando que de cada 100 pessoas, cinquenta e sete ou estavam ocupadas ou estavam em busca de ocupação nesse período. Essa taxa vem revelando nítida estabilidade entre os anos de 2013 e 2014, tendo em vista que no segundo trimestre desse último ano passou a apresentar a mesma taxa apresentada em igual período de 2013.

Gráfico 5.3 – Estimativas da Taxa de Participação e de Desemprego Total - Região Metropolitana de Fortaleza – 1º e 2º Trimestres/2013 e 2014



Fonte: IDT-SINE/Sine-CE, Fundação Seade-Dieese. Elaboração: IPECE.

Na análise do Gráfico 5.4, por sua vez, é possível observar o comportamento da Taxa de Desemprego da população economicamente ativa na RMF que é medida pela razão entre População desempregada e a PEA. Nota-se que no primeiro trimestre de 2013 essa taxa era de 8,9% da PEA e passou para 7,9% em igual período de 2014, caindo ainda mais no segundo trimestre deste mesmo ano, quando chegou a 7,4%. Isso mostra que de cada 1000 pessoas que estão no mercado de trabalho apenas 74 delas estão na condição de desemprego, ou seja, ainda não lograram êxito na busca pela ocupação.

Gráfico 5.4 – Estimativas da Taxa de Desemprego Total - Região Metropolitana de Fortaleza – 1º e 2º Trimestres/2013 e 2014

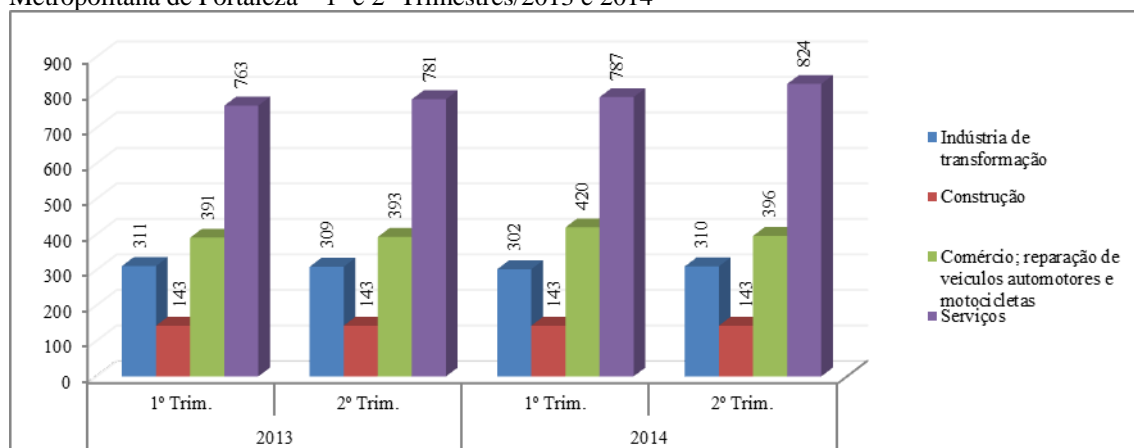
Fonte: IDT-SINE/Sine-CE, Fundação Seade-Dieese. Elaboração: IPECE.

Depois de analisado o lado da oferta no mercado de trabalho na RMF, analisa-se, agora, o comportamento da demanda pela ótica da ocupação no mercado de trabalho por setores.

A atividade da indústria de transformação apresentou alta de apenas 0,3% na comparação do segundo trimestre com o primeiro trimestre de 2014 e alta de 2,6% na comparação dos segundos trimestres de 2013 e 2014. A atividade da construção apresentou estabilidade na ocupação em todas as comparações. (Gráfico 5.5).

A atividade do comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas apresentou alta de 0,8% na comparação dos segundos trimestres de 2013 e 2014, mas registrou uma queda de 5,7% na ocupação na comparação do segundo trimestre com o primeiro trimestre de 2014. Isso revelou uma melhora na comparação dos dois anos, mas um arrefecimento nas contratações dentro do ano de 2014. (Gráfico 5.5).

Por fim, o setor de serviços foi aquele que apresentou o melhor desempenho, 5,5% entre 2013 e 2014 e 4,7% do primeiro para o segundo trimestre de 2014 (Gráfico 5.5).

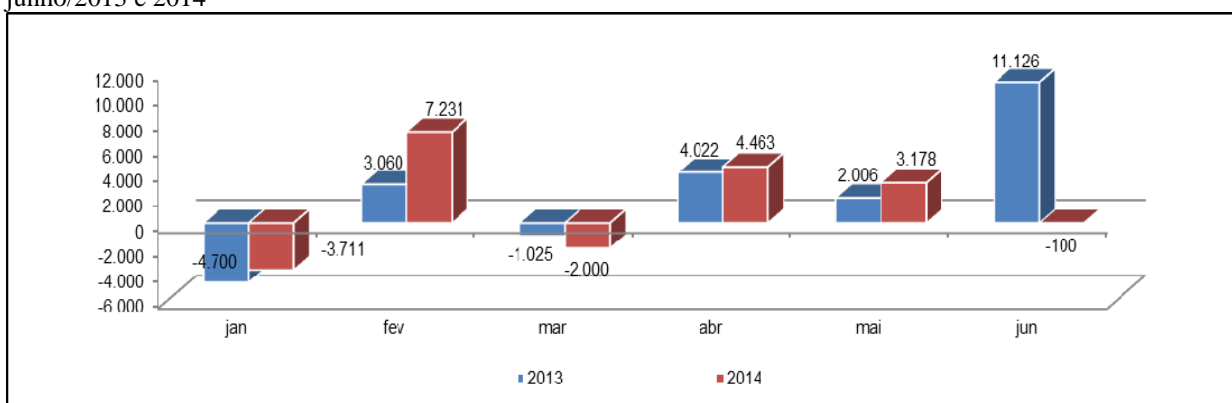
Gráfico 5.5 – Estimativas e Índices do Nível de Ocupação, por Setor de Atividade Econômica - Região Metropolitana de Fortaleza – 1º e 2º Trimestres/2013 e 2014

Fonte: IDT-SINE/Sine-CE, Fundação Seade-Dieese. Elaboração: IPECE.

5.2. Emprego Formal

Dados da CAGED coletados e divulgados pelo MTE cearense registrou um fechamento de cem vagas de trabalho com carteira assinada no mês de junho de 2014, resultado bem diferente do ocorrido em junho do ano passado quando foram geradas 11.126 novas vagas de trabalho. (Gráfico 5.6). Uma possível explicação para esse ocorrido é que as empresas passaram a contratar bastante mão de obra nos dois meses anteriores com vistas a suprir a necessidade de força de trabalho para a Copa do Mundo, o que se costuma chamar de mão de obra temporária.

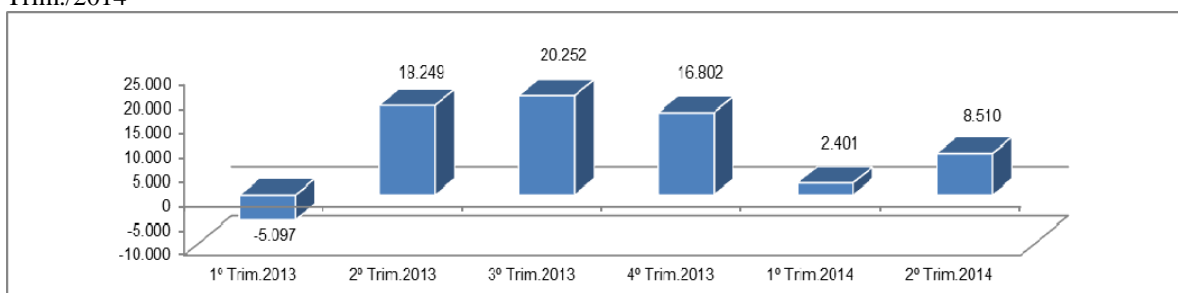
Gráfico 5.6 – Evolução do saldo de empregos celetistas mensal gerados na economia cearense - janeiro a junho/2013 e 2014



Fonte: CAGED-MTE. Elaboração: IPECE.

Na comparação da evolução da geração de empregos nos últimos seis trimestres observa-se que a geração de novas vagas de trabalho no 2º trimestre de 2014 ficou bem abaixo do registrado em igual período de 2013. (Gráfico 5.7). Todavia, vale notar que o 1º trimestre de 2014 havia gerado um saldo positivo de empregos bem diferente do registrado no 1º trimestre de 2013 quando foram fechadas 5.097 vagas.

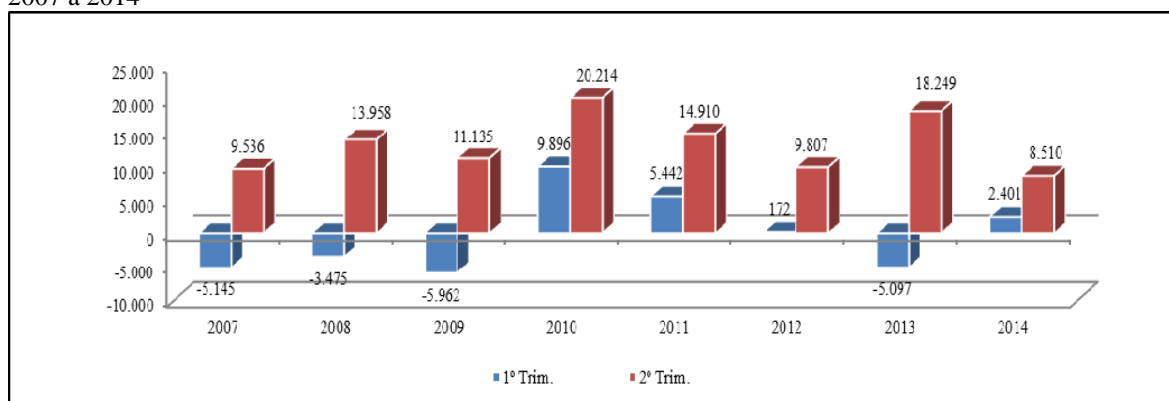
Gráfico 5.7 – Evolução do saldo de empregos celetistas gerados na economia cearense - 1º Trim./2013 a 2º Trim./2014



Fonte: CAGED-MTE. Elaboração: IPECE.

Pela análise do Gráfico 5.8 é possível notar o comportamento da dinâmica da geração de empregos com carteira assinada nos 1º e 2º trimestres dos últimos oito anos. Percebe-se, inicialmente, que o 1º trimestre de 2014 foi um ano atípico quando registrou saldo positivo de emprego, fato esse observado apenas em 2010 (ano de forte recuperação econômica nacional) e 2011 que também sofreu efeitos dessa recuperação econômica. Em 2012 foram gerados apenas 172 vagas, valor insignificante quando comparado aos dois anos imediatamente anteriores. É possível afirmar que a dinâmica da criação de empregos na economia cearense segue o padrão sazonal observado nos anos de 2007 a 2009. No tocante ao 2º trimestre de 2014 foi registrada a menor geração de novos empregos com carteira assinada dos últimos oito anos, fato este influenciado, em parte, pelas contratações já ocorridas no 1º trimestre do mesmo ano.

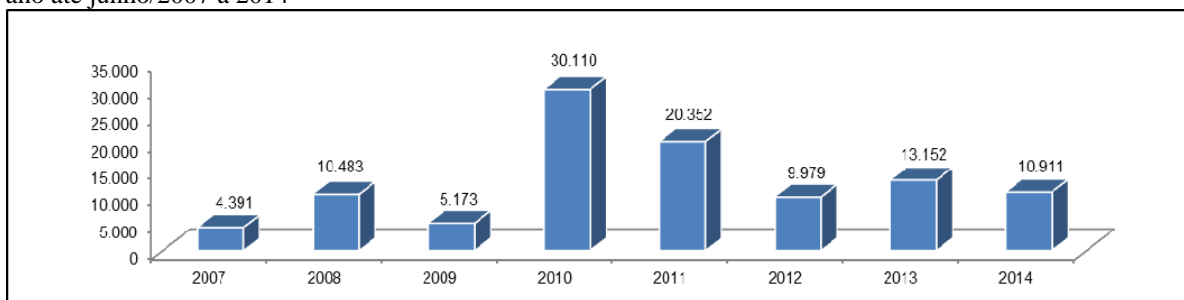
Gráfico 5.8 – Evolução do saldo de empregos celetistas gerados na economia cearense - 1º e 2º Trimestres - 2007 a 2014



Fonte: CAGED-MTE. Elaboração: IPECE.

Como pode ser observado no Gráfico 5.9, abaixo, a geração de novos postos de trabalho celetista na economia cearense no acumulado do primeiro semestre de 2014 foi positiva em 10.911 vagas, ficando abaixo do registrado em igual período de 2013, mas acima na comparação com o ano de 2012, quando foram geradas apenas 9.979 novas vagas de emprego.

Gráfico 5.9 – Evolução do saldo de empregos celetistas anual gerados na economia cearense - Acumulado do ano até junho/2007 a 2014



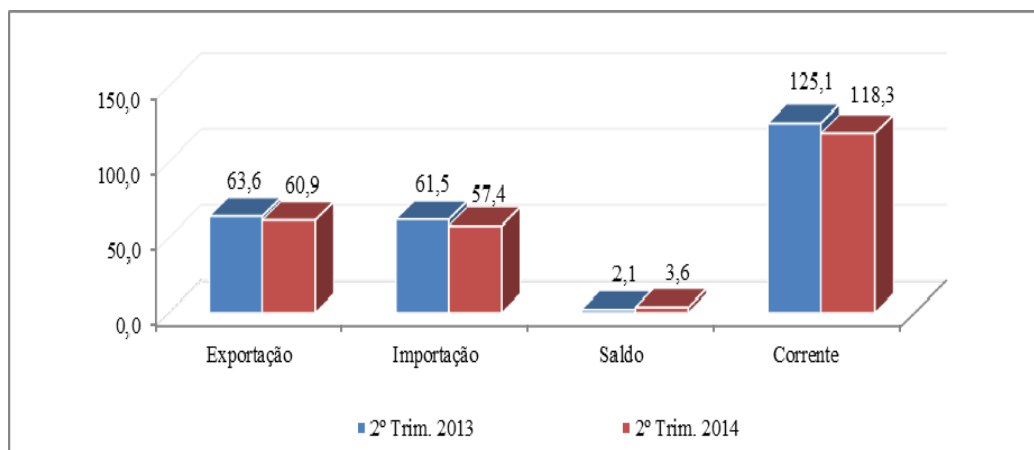
Fonte: CAGED-MTE. Elaboração: IPECE.

6 COMÉRCIO EXTERIOR

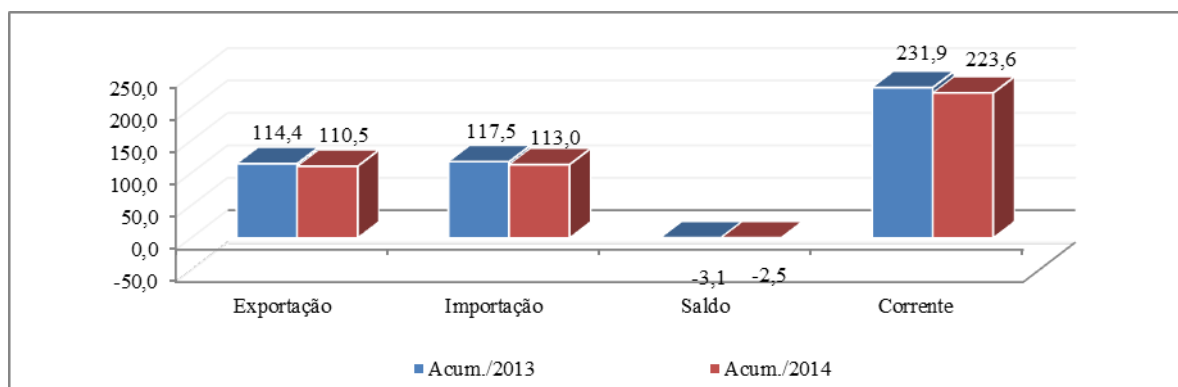
A balança comercial brasileira registrou superávit de US\$ 3,58 bilhões no 2º trimestre de 2014, de acordo com os dados divulgados pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). Mesmo com o saldo positivo no trimestre, o resultado no acumulado do primeiro semestre de 2014 está negativo em US\$ 2,5 bilhões. No 2º trimestre as exportações totalizaram US\$ 60,942 bilhões registrando queda de 4,16% com relação ao mesmo período de 2013. O País também importou menos que o ano passado no mesmo período.

No acumulado de janeiro a junho de 2014, as exportações totalizaram US\$ 110,531 bilhões, registrando queda de 3,40% na comparação com o mesmo período de 2013. As importações alcançaram o valor de US\$ 113,022 bilhões no mesmo período, uma redução de 3,8% na mesma base de comparação. Como resultado, a balança comercial registrou saldo negativo de US\$ 2,5 bilhões, em relação ao déficit de US\$ 3,0 bilhões acumulado no primeiro semestre de 2013. A corrente de comércio, por sua vez, alcançou valor de US\$ 223,553 bilhões, representando queda de 3,61% sobre o mesmo período anterior, quando totalizou US\$ 231,922 bilhões.

A queda nas exportações ocorreu exclusivamente por conta do menor embarque de produtos industrializados. Apesar das perspectivas de maior crescimento do volume de comércio mundial com crescimento de 4,3% em comparação a 3,0% em 2013, segundo dados do FMI, as exportações brasileiras de semimanufaturados recuaram 9,3%, enquanto a venda de manufaturados recuou 11,0%. Grande parcela dessa queda é explicada pelas dificuldades enfrentadas pela Argentina, um importante mercado consumidor de produtos industrializados brasileiros. Atualmente, a Argentina é o terceiro país que mais importa do Brasil, mas muito próximo da Holanda, responsável por 6,25% das compras. Além disso, em junho de 2013 registrou-se a exportação de uma plataforma de petróleo, o que não se repetiu em junho de 2014.

Gráfico 6.1 – Balança Comercial Brasileira (US\$ Milhão – FOB) – 2º trimestre 2013-2014

Fonte: SECEX/ MDIC. Elaboração IPECE.

Gráfico 6.2 – Balança Comercial Brasileira (US\$ Milhão – FOB) – Acumulada 2013-2014

Fonte: SECEX/ MDIC. Elaboração IPECE

No que tange a balança comercial cearense neste segundo trimestre de 2014 as exportações cearenses surpreenderam as expectativas e alcançaram um valor recorde de US\$ 431,7 milhões, significando crescimento de 61,9%, em relação ao mesmo trimestre de 2013. Já as importações retraíram 16,39% no comparativo de igual período, embora permaneça negativo o saldo da balança comercial cearense em comparação ao mesmo período de 2013. A corrente de comércio expandiu-se, em valores absolutos, US\$ 10,92 milhões, encerrando o trimestre com uma receita de US\$ 1,218 bilhões.

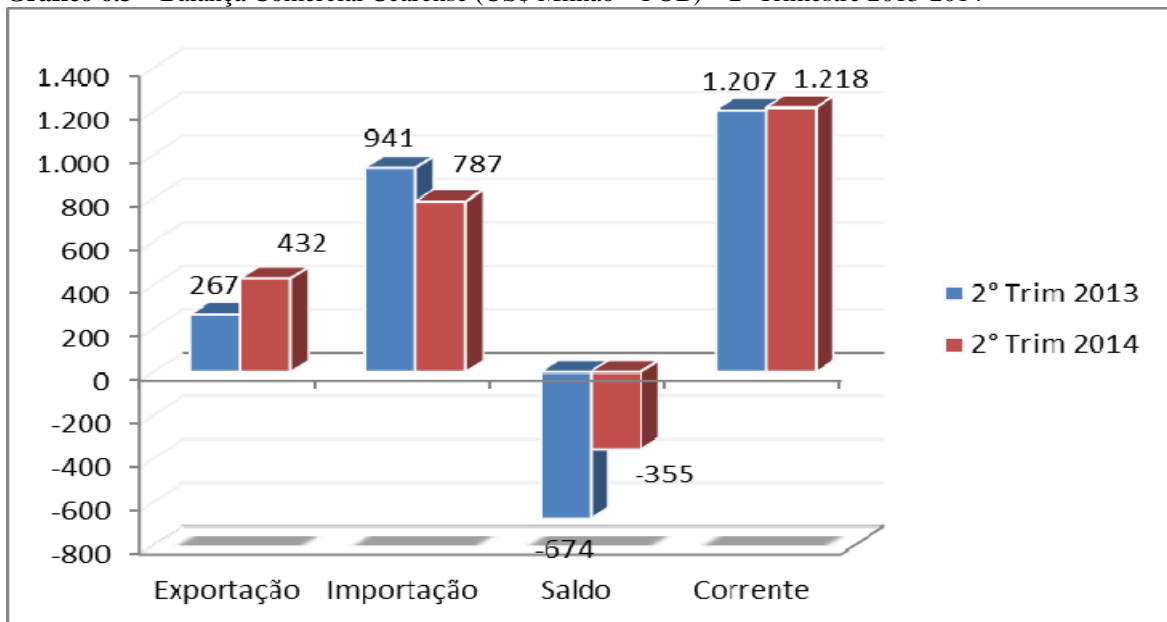
O saldo da balança comercial prossegue registrando valores deficitários com saldo negativo de US\$ 668,5 milhões nesse primeiro semestre do ano. Quando comparado ao mesmo período de 2013, quando o déficit atingiu o valor de US\$ 1,2 bilhão, observa-se uma redução de 44,29%.

No acumulado do ano, a balança comercial cearense apresentou alta com forte crescimento das exportações. Estas totalizaram US\$ 751,6 milhões, com variação de 38,62%, comparada

ao mesmo período de 2013. O Ceará importou menos que o ano passado quando registrou compras de US\$ 1,42 bilhão, recuando 18,49% em relação ao mesmo período de 2013, resultado da queda do setor de máquinas, equipamentos e mat. elétricos e combustíveis minerais e trigo. Mesmo assim, o saldo da balança continuou registrando déficit de US\$ 668,5 milhões.(Gráfico6.4)

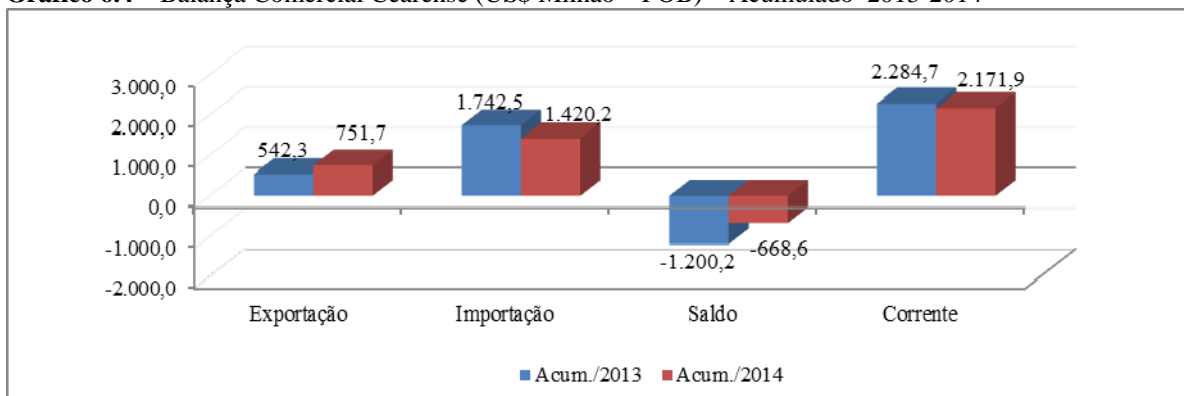
No cenário nacional, o Ceará, foi o décimo quarto maior exportador brasileiro nos seis primeiros meses de 2014, sendo o terceiro do Nordeste atrás do Maranhão e Bahia. O Estado também foi o que apresentou o segundo maior incremento nas exportações. A participação do Ceará em relação ao Nordeste passou de 7,04 % para 10,01% no cômputo regional.

Gráfico 6.3 – Balança Comercial Cearense (US\$ Milhão – FOB) – 2º Trimestre 2013-2014



Fonte: SECEX/ MDIC. Elaboração IPECE

Gráfico 6.4 – Balança Comercial Cearense (US\$ Milhão – FOB) – Acumulado 2013-2014



Fonte: SECEX/ MDIC. Elaboração IPECE

Exportações

No 2º trimestre de 2014 a pauta de exportações cearense vem sendo liderada pelo grupo de combustíveis minerais, que representou 46,14% do total. Porém, notou-se um alto crescimento de 3.057,23% nas vendas desse produto, comparado ao mesmo período do ano anterior, de US\$ 6,3 milhões para US\$ 199,20 milhões. O aumento expressivo do valor desse grupo foi influenciado principalmente, pelo *fuel oil*. Apesar de sua importância na pauta cearense no período, esse produto não faz parte da estrutura produtiva estadual, sendo importado de outros estados e do exterior, já refinado e armazenado no porto para ser vendido aos navios de bandeira estrangeira, devido à localização geográfica do Estado, gerando com isso maiores oportunidades de empregos diretos e indiretos. Além de elevar a balança comercial cearense, o transbordo proporciona para o Estado a arrecadação de tarifa portuária. Calçados e partes ficaram em segundo lugar com a quantia exportada de US\$ 69,24 milhões, respondendo por 16,04% da pauta exportadora cearense. As vendas desses produtos registraram alta de 8,8% superando as vendas do mesmo período de 2013, consequência da expansão nas vendas externas desses produtos para Estados Unidos e Argentina. O terceiro maior produto da pauta foi couros e peles, com participação de 12,87% na pauta de vendas nesse segundo trimestre de 2014.

Castanha de Caju foi a grande surpresa da pauta estadual nesse segundo trimestre, pois mesmo ocupando o quarto lugar, com a quantia exportada de US\$ 21,57 milhões, ou seja, 5,0% da pauta cearense, ainda sofreu redução de 21,76% quando comparada ao mesmo período de 2013. Por sua vez, preparações alimentícias ficaram em quinto lugar com o montante com participação de 3,85% do total da pauta exportada nesse segundo trimestre.

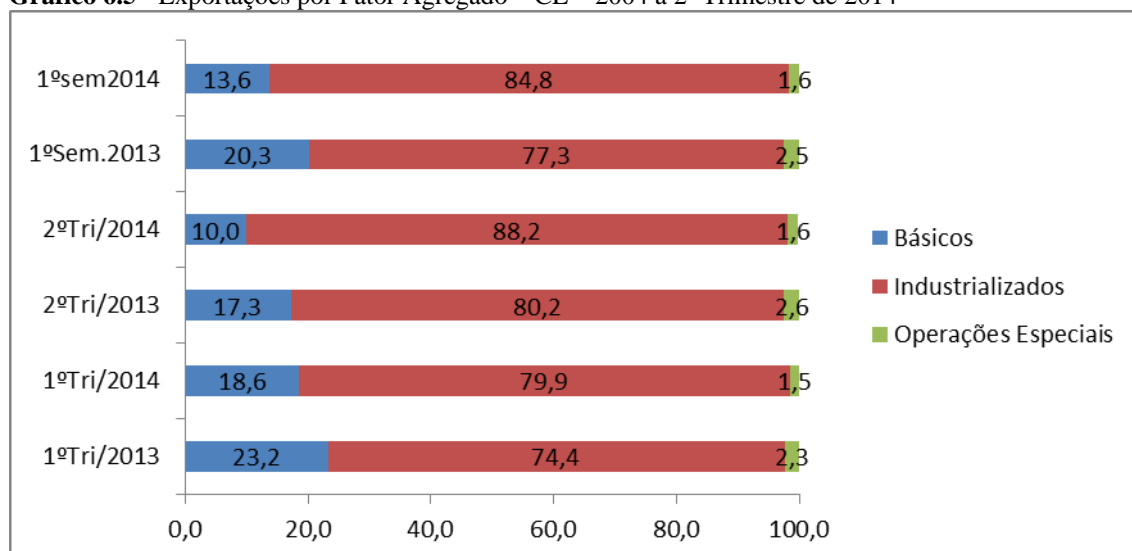
A principal via de escoamento dos principais produtos cearenses nesse segundo trimestre de 2014 continua sendo a marítima (92,21%). O principal porto no segundo trimestre foi o Pecém (61,95%), exportando *fuel oil*, *calçados e partes*, *couros e peles*, *castanha de caju e Sucos* seguido do porto do Mucuripe (18,15%), outro importante corredor logístico do Estado.

Tabela 6.1 - Principais Produtos Exportados – 2º Trimestre – 2013-2014 (US\$ - FOB)

Principais Produtos	2013		2014		Var. (%) 2014/2013
	US\$ FOB	Part. (%)	US\$ FOB	Part. (%)	
Combustíveis Minerais	6.309.619	2,37	199.209.168	46,14	3057,23
Calçados e Partes	63.642.432	23,87	69.244.440	16,04	8,80
Couros e Peles	49.848.560	18,70	55.560.053	12,87	11,46
Castanha de Caju, fresca ou seca, sem casca	27.577.139	10,35	21.577.356	5,00	-21,76
Preparações Alimentícias	23.650.180	8,87	16.639.133	3,85	-29,64
Ceras Vegetais	13.745.108	5,16	14.750.915	3,42	7,32
Têxteis	15.204.001	5,70	7.832.130	1,81	-48,49
Consumo de Bordo	6.844.024	2,57	7.070.336	1,64	3,31
Minérios de Ferro não Aglomerados e seus concentrados	0	0,00	5.147.003	1,19	---
Lagosta	5.616.010	2,11	4.916.352	1,14	-12,46
Frutas (Exclusive Castanhade Caju)	6.384.807	2,40	4.674.806	1,08	-26,78
Obras de pedra gesso ,cimento e Mica	3.646.957	1,37	3.801.999	0,88	4,25
Transatlânticos, Barcos de Cruzeiro, "Ferry-Boats", Etc	10.350.000	3,88	3.000.000	0,69	-71,01
Produtos Metalúrgicos	6.590.490	2,47	2.693.128	0,62	-59,14
Mel natural	1.600.903	0,60	2.525.068	0,58	57,73
Demais Produtos	25.557.874	9,59	13.097.700	3,03	-48,75
Ceará	266.568.104	100,00	431.739.587	100,00	61,96

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE

As exportações de produtos básicos mostraram queda de 6,31% para o mesmo período de 2013 e retração de 27,51% em relação ao 1º trimestre de 2014. As exportações de manufaturados somaram ampliam-se em 108,74% se relacionadas ao 2º trimestre de 2013 e aumentando 67,92% se relacionadas ao 1º trimestre de 2014. As exportações de produtos semimanufaturados totalizaram US\$ 72,63 milhões em 2014 evoluindo 10,53% frente ao mesmo período de 2013 e um crescimento de 1,44% com relação ao trimestre anterior de 2014.

Gráfico 6.5 - Exportações por Fator Agregado – CE – 2004 a 2º Trimestre de 2014

Fonte: SECEX/MDIC Elaboração IPECE.

Quatro foram os principais destinos que se destacaram por sua representatividade nas exportações cearenses. Antilhas Holandesas, passaram de zero em 2013 para US\$ 76,8 milhões em 2014; Países Baixos (Holanda) aumentaram as vendas em 628,3% no 2º trimestre de 2014 em relação ao mesmo período do ano anterior. Cingapura elevou suas compras de origem cearenses em 9.892% em relação a igual período de 2013. Os Estados Unidos reduziram as compras em 31% em comparação ao 2º trimestre de 2013. Esses quatro países representaram 61% do total das vendas externas no 2º trimestre de 2014, enquanto que no mesmo período de 2013 eles representaram 31,86%.

Tabela 6.2-Principais Destinos das Exportações -2º Trimestre 2013-2014(US\$-FOB)

Principais Países	2013		2014		Var. (%) 2014/2013
	US\$ FOB	Part. (%)	US\$ FOB	Part. (%)	
Antilhas Holandesas	0	0,00	76.809.848	17,8	---
Países Baixos (Holanda)	9.867.853	3,70	71.868.661	16,6	628,31
Cingapura	632.847	0,24	63.237.428	14,6	9.892,53
Estados Unidos	74.433.260	27,92	51.385.496	11,9	-30,96
Argentina	17.606.647	6,60	16.639.494	3,9	-5,49
Hungria	14.400.802	5,40	15.925.942	3,7	10,59
China	14.360.917	5,39	14.660.594	3,4	2,09
Itália	8.091.547	3,04	11.400.782	2,6	40,90
Paraguai	9.723.893	3,65	7.807.917	1,8	-19,70
Hong Kong	7.050.708	2,64	7.659.176	1,8	8,63
Demais Países	110.399.630	41,42	94.344.249	21,9	-14,54
Ceará	266.568.104	100,00	431.739.587	100,0	61,96

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE

Importações

No 2º trimestre de 2014, o valor das importações brasileiras apresentou comportamento praticamente estável comparado ao mesmo período de 2013. O mesmo não foi verificado para as importações cearenses que, para esse período, registraram queda de 16,39%. Ainda assim, o Ceará continua em 14º lugar no ranking brasileiro.

As importações do estado do Ceará quebraram uma sequência para o 2º trimestre de 2014 que vinha sendo observada desde 2009, tendo uma redução de 16,39% em relação ao mesmo período de 2013.

No rol das importações do estado com relação ao 2º trimestre de 2014 três produtos se destacaram pela sua relevância nas compras externas cearenses: combustíveis minerais, produtos metalúrgicos e máquinas e equipamentos.

Tabela 6.3 - Principais Produtos Importados - 2º Trimestre 2013- 2014 (US\$-FOB)

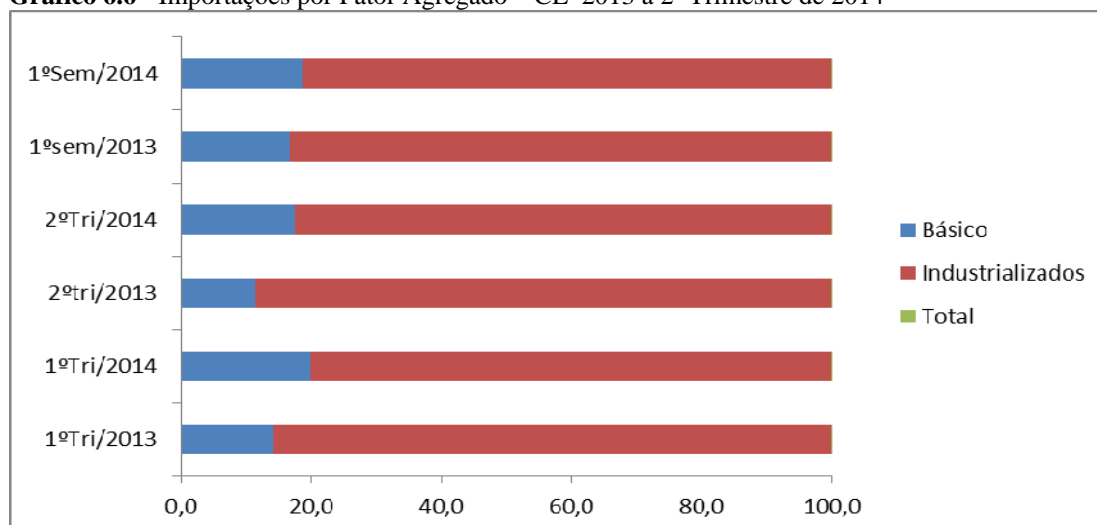
Principais Produtos	2013		2014		Var. (%) 2014/2013
	US\$ FOB	Part. (%)	US\$ FOB	Part. (%)	
Combustíveis Minerais	229.562.163	24,40	231.720.456	29,46	0,94
Produtos Metalúrgicos	109.848.411	11,67	177.197.936	22,52	61,31
Máquinas e Equipamentos	271.225.409	28,83	88.024.432	11,19	-67,55
Têxteis	33.190.664	3,53	56.875.046	7,23	71,36
Trigo	82.555.615	8,77	47.917.787	6,09	-41,96
Produtos Químicos	52.297.562	5,56	37.451.860	4,76	-28,39
Plásticos E Suas Obras	22.050.335	2,34	18.557.088	2,36	-15,84
Litorinas (Automotoras), de fonte ext.de eletricidade	11.113.720	1,18	17.525.032	2,23	57,69
Óleo de Dendê	25.674.820	2,73	13.878.427	1,76	-45,95
Aeronaves e Aparelhos Espaciais	21.912.062	2,33	9.573.000	1,22	-56,31
Cimentos não pulverizados ("clinkers")	0	0,00	8.639.465	1,10	---
Vestuário	4.984.822	0,53	8.316.175	1,06	66,83
Apar.médicos ópticos e precisão	9.868.059	1,05	7.832.580	1,00	-20,63
Papel ,cartão e suas obras	5.211.267	0,55	5.987.920	0,76	14,90
Demais Produtos	61.428.285	6,53	57.180.073	7,27	-6,92
Ceará	940.923.194	100,00	786.677.277	100,00	-16,39

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

Com relação à importação por fator agregado, observa-se nos trimestres analisados um comportamento semelhante mostrando que a pauta de importação do Ceará é composta principalmente por produtos industrializados. Verificando-se que no primeiro semestre de 2014 e de 2013 esse segmento representa em torno de 80% das importações.

No 1º trimestre de 2014, as compras externas de produtos básicos representaram 20%, reduziram para 17,5% no 2º trimestre e encerraram o 1º semestre do ano com 18,6%.

As importações de produtos industrializados aumentaram entre o 1º trimestre e o 2º de 2014. No 1º trimestre sua participação foi de 80%, aumentando no 2º para 82,5% e encerrando o semestre com 81,4%. Em comparação ao mesmo período do ano anterior, produtos industrializados encerraram o semestre de 2013 com 83,3% das importações do estado.

Gráfico 6.6 - Importações por Fator Agregado – CE 2013 a 2º Trimestre de 2014

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE

No 2º trimestre de 2014, o Ceará adquiriu produtos principalmente, de origens **de Trinidad e Tobago** totalizaram US\$ 183,4 milhões, valor mais que duplicou comparado ao mesmo período de 2013. **China** alcançou US\$ 161,5 milhões, apresentando queda de 46,37% em relação a igual período de 2013. **Estados Unidos** registraram US\$ 81,63 milhões, reduzindo em 27,22% suas exportações para o Estado comparado ao mesmo período de ano anterior. Do total importado pelo Ceará, esses três países contribuíram com 54,24% de participação no 2º trimestre.

Tabela 6.4 – Principais origens dos produtos importados -2º Trimestre 2013-2014 (US\$-FOB)

Principais Países	2013		2014		Var. (%) 2014/2013
	US\$ FOB	Part. (%)	US\$ FOB	Part. (%)	
Trinidad e Tobago	86.859.983	9,23	183.441.722	23,32	111,19
China	301.484.321	32,04	161.596.229	20,54	-46,40
Estados Unidos	112.166.228	11,92	81.636.660	10,38	-27,22
Coreia Do Sul	9.890.146	1,05	61.583.870	7,83	522,68
Colômbia	23.428.920	2,49	61.350.687	7,80	161,86
Itália	22.008.840	2,34	32.214.887	4,10	46,37
Alemanha	45.002.337	4,78	26.618.749	3,38	-40,85
Índia	9.116.254	0,97	17.293.854	2,20	89,70
Vietnã	2.953.654	0,31	17.121.097	2,18	479,66
Argentina	50.907.688	5,41	16.218.990	2,06	-68,14
Demais Países	277.104.823	29,45	127.600.532	16,22	-53,95
Ceará	940.923.194	100,00	786.677.277	100,00	-16,39

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE

7 FINANÇAS PÚBLICAS

7.1 Resultado Fiscal

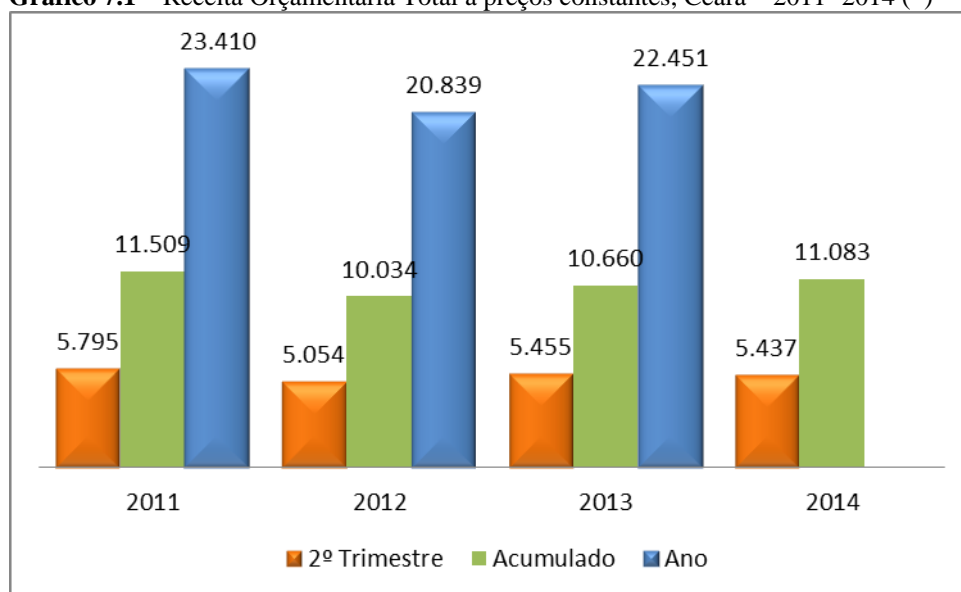
No acumulado até abril de 2014 o Estado apresentou um superávit primário, diferença entre receitas correntes e despesas correntes, de R\$ 1.261 milhões, segundo dados da SEFAZ/CE (Secretaria da Fazenda do Ceará). No mesmo período de 2013, houve um superávit primário da ordem de R\$ 1.200 milhões.

7.2 Receitas

Como pode ser observado no Gráfico 7.1 as receitas estaduais totalizaram R\$ 5.437 milhões, no segundo trimestre de 2014, representando um decréscimo real de 0,33% em relação ao segundo trimestre de 2013. Entretanto, observando-se o comportamento das receitas acumuladas até o segundo trimestre constata-se um crescimento de 3,96% com relação a idêntico período do ano anterior, sendo esse resultado influenciado pelo crescimento das receitas do primeiro trimestre, que cresceram, aproximadamente, 8,4%, quando comparadas ao ano anterior.

Essa queda das receitas orçamentárias no segundo trimestre de 2014 pode sinalizar para um quadro de maior restrição para as finanças públicas estaduais neste ano, porém é necessário observar o comportamento das receitas no próximo trimestre antes de buscar identificar uma tendência para as receitas de 2014. Como será destacado mais adiante, essa queda foi devida, principalmente, ao comportamento das transferências da União.

Gráfico 7.1 – Receita Orçamentária Total a preços constantes, Ceará – 2011 -2014 (*)

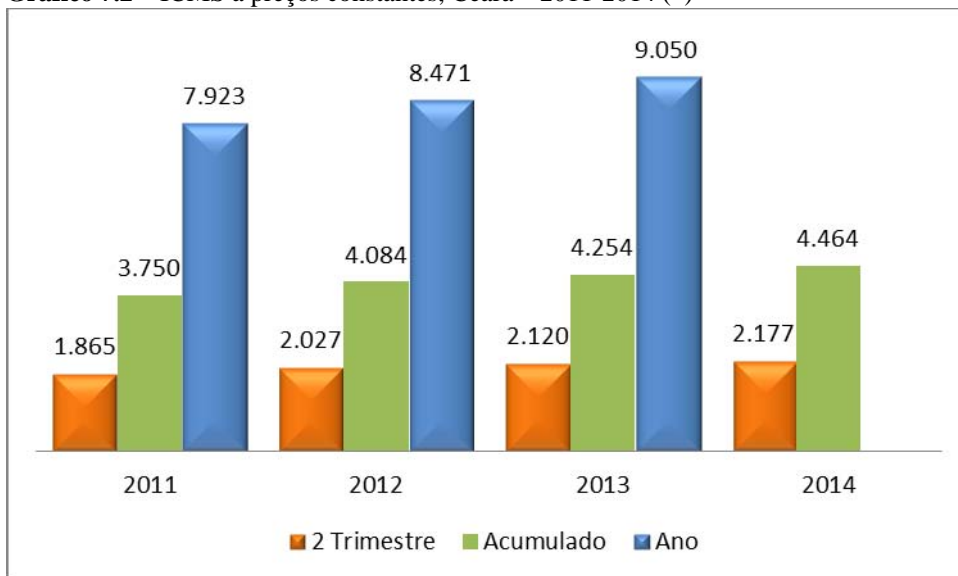


Fonte: Sefaz-Sic/Smart.

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 2º trimestre de 2014.

Quanto à arrecadação de ICMS, é possível constatar, pela inspeção do Gráfico 7.2, uma tendência de crescimento ao longo do período, registrando um crescimento de 16,7%, entre o segundo trimestre de 2011 e idêntico período de 2014. Destaque-se, ainda, que no segundo trimestre de 2014 as receitas com ICMS cresceram, aproximadamente, 2,7%, enquanto no acumulado do ano a expansão foi de 4,9%, quando comparados aos mesmos períodos de 2013. Dada essas informações, pode-se concluir que o crescimento da arrecadação de ICMS foi mais intenso no primeiro trimestre do que no segundo.

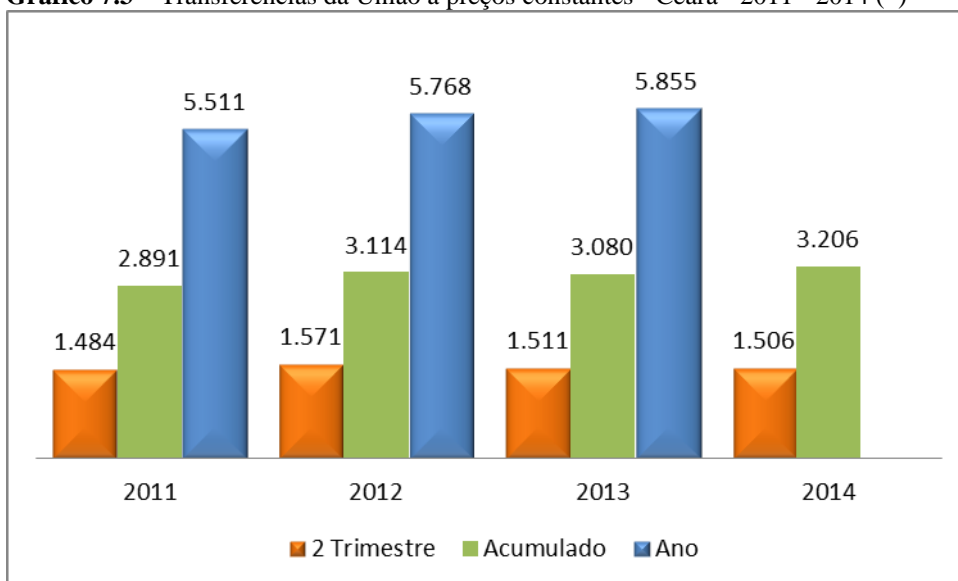
Gráfico 7.2 – ICMS a preços constantes, Ceará – 2011-2014 (*)



Fonte: Sefaz-Sic/Smart.

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 2º trimestre de 2014.

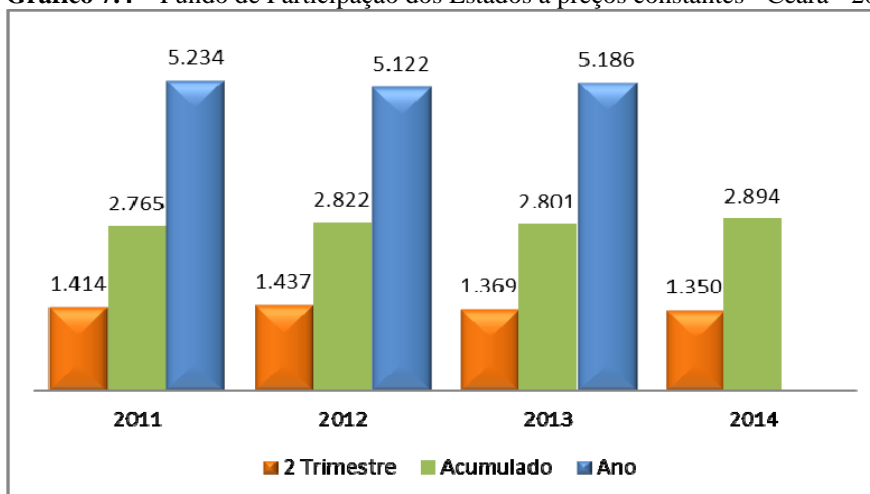
Relativamente às transferências de recursos da União para o Ceará, o Gráfico 7.3 mostra que foram transferidos R\$ 1.506 milhões no segundo trimestre de 2014, havendo um decréscimo real de 0,30%, em relação a idêntico período de 2013. É interessante observar, entretanto, que houve um crescimento real de, aproximadamente, 4,1% nas transferências da União nos dois primeiros trimestres de 2014.

Gráfico 7.3 – Transferências da União a preços constantes - Ceará - 2011 - 2014 (*)

Fonte:Sefaz-Sic/Smart.

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 2º trimestre de 2014.

Dentre as receitas oriundas das Transferências da União, a mais relevante foi o Fundo de Participação dos Estados (FPE), cujos dados são apresentados no Gráfico 7.4, respondendo, no segundo trimestre de 2014, por aproximadamente 89,6% do total das Transferências da União (R\$ 1.350 milhões), representando, em termos reais, uma queda de 1,3% quando comparadas a 2013. É interessante observar que a queda nos repasses do FPE no segundo trimestre vem ocorrendo desde o ano de 2012. Dado que os recursos do FPE são oriundos da arrecadação do imposto de renda e do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados) essa queda pode ser atribuída ao fraco desempenho da economia brasileira no segundo trimestre de 2014.

Gráfico 7.4 – Fundo de Participação dos Estados a preços constantes - Ceará - 2011 -2014 (*)

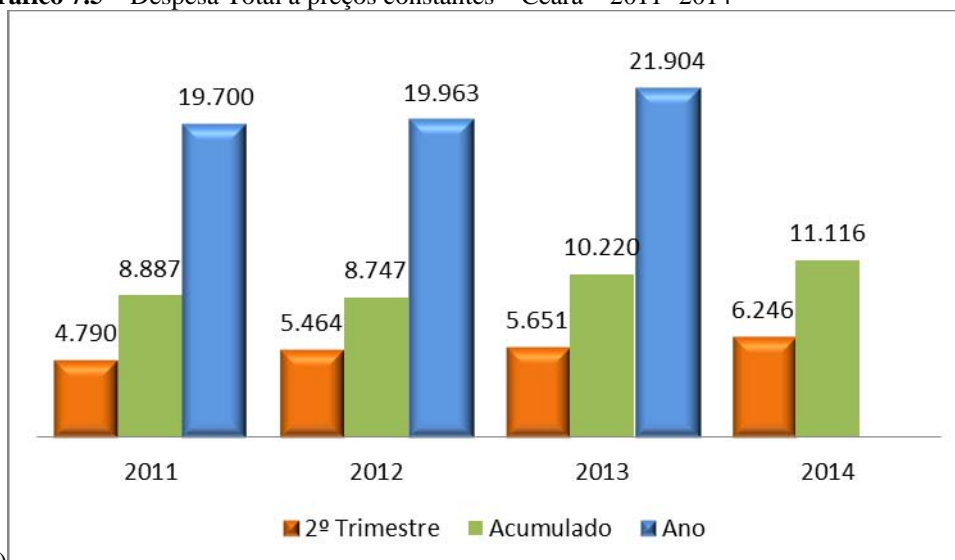
Fonte:Sefaz-Sic/Smart.

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 2º trimestre de 2014.

7.3 Despesas

A Despesa Total do governo do estado apresentou, no segundo trimestre de 2014, um montante de R\$ 4.790 milhões, conforme pode ser observado no Gráfico 7.5, o que significou um crescimento real de 10,5% em relação a idêntico período de 2013. Nos dois primeiros trimestres de 2014 a despesa total cresceu cerca de 8,7%, quando comparada a período idêntico do ano anterior. Nesse sentido, é possível afirmar que houve uma aceleração do gasto público quando se compara o primeiro trimestre com o segundo de 2014. Em termos de participação, para o segundo trimestre de 2014 os principais componentes da Despesa Total foram Pessoal e Encargos Sociais (38,3%), Outras Despesas Correntes (42,0%) e Investimentos (15,7%).

Gráfico 7.5 – Despesa Total a preços constantes – Ceará – 2011 -2014

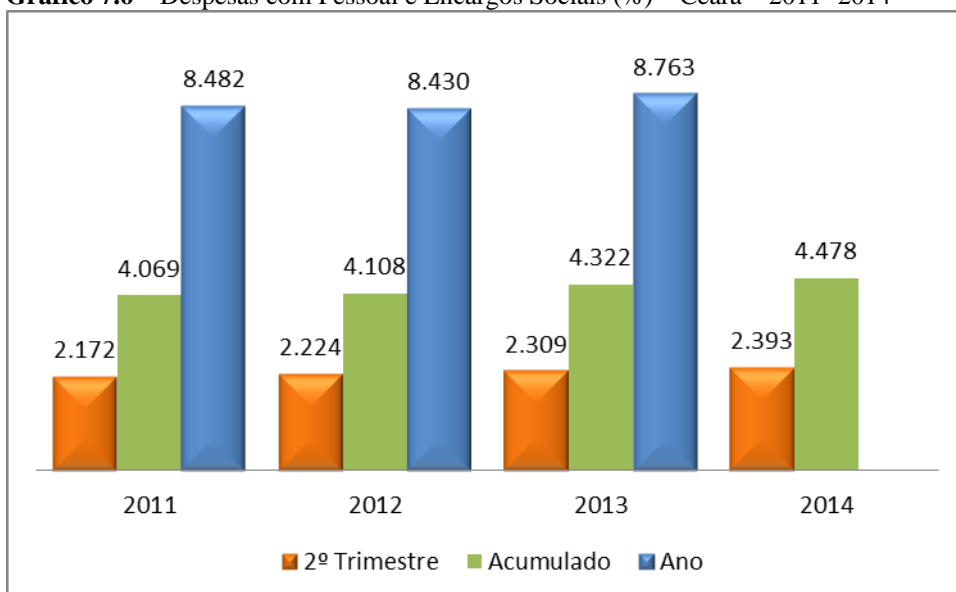


(*)

Fonte: Sefaz-Sic/Smart.

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 2º trimestre de 2014.

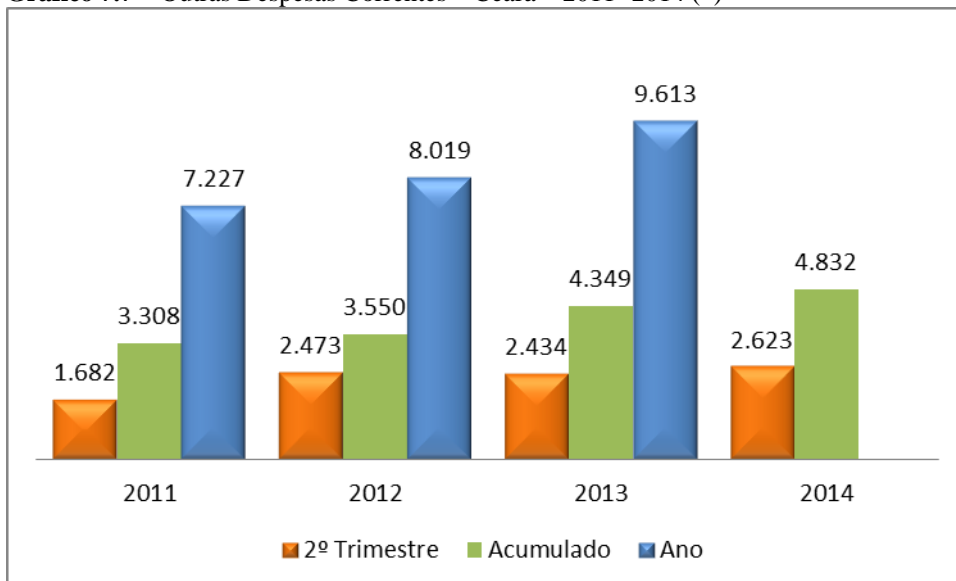
Analisando-se o gasto com pessoal no Gráfico 7.6 observa-se que, entre abril e junho de 2014 esta conta totalizou R\$ 2.393 milhões, representando um crescimento real de 3,66% relativamente ao mesmo período de 2013, ou de 3,61% no acumulado do ano.

Gráfico 7.6 – Despesas com Pessoal e Encargos Sociais (%) – Ceará – 2011 -2014

Fonte: Sefaz-Sic/Smart.

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 2º trimestre de 2014.

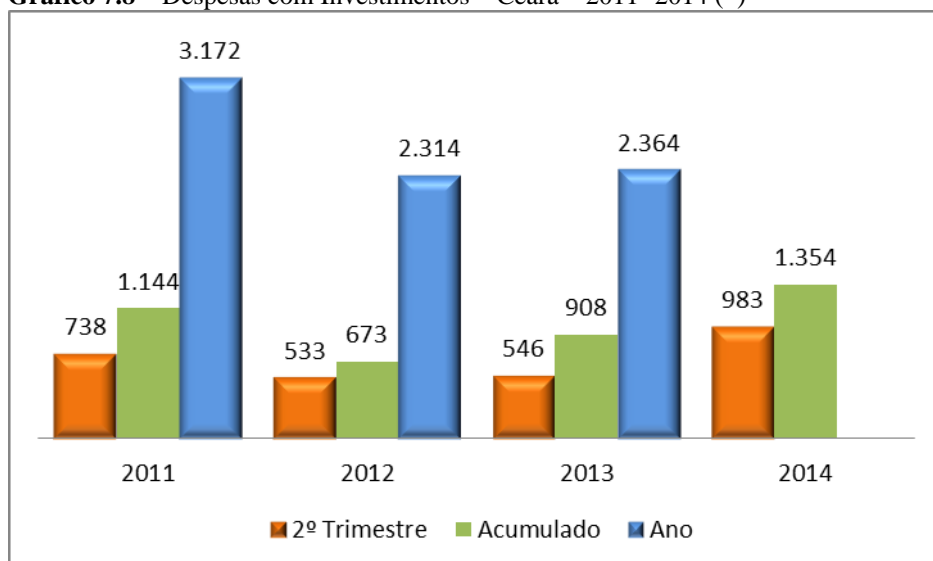
As Outras Despesas Correntes, ver Gráfico 7.7, totalizaram, no segundo trimestre de 2014, R\$ 2.623 milhões, com um crescimento real de 7,7% com relação a idêntico período de 2013.

Gráfico 7.7 – Outras Despesas Correntes – Ceará – 2011 -2014 (*)

Fonte: Sefaz-Sic/Smart.

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 2º trimestre de 2014.

Em relação às despesas com Investimentos, conforme apresentado no Gráfico 7.8, verifica-se que, no segundo trimestre de 2014, houve um gasto de R\$ 983 milhões, representando um crescimento real de, aproximadamente, 80% em relação ao segundo trimestre de 2013.

Gráfico 7.8 – Despesas com Investimentos – Ceará – 2011 -2014 (*)

Fonte: Sefaz-Sic/Smart.

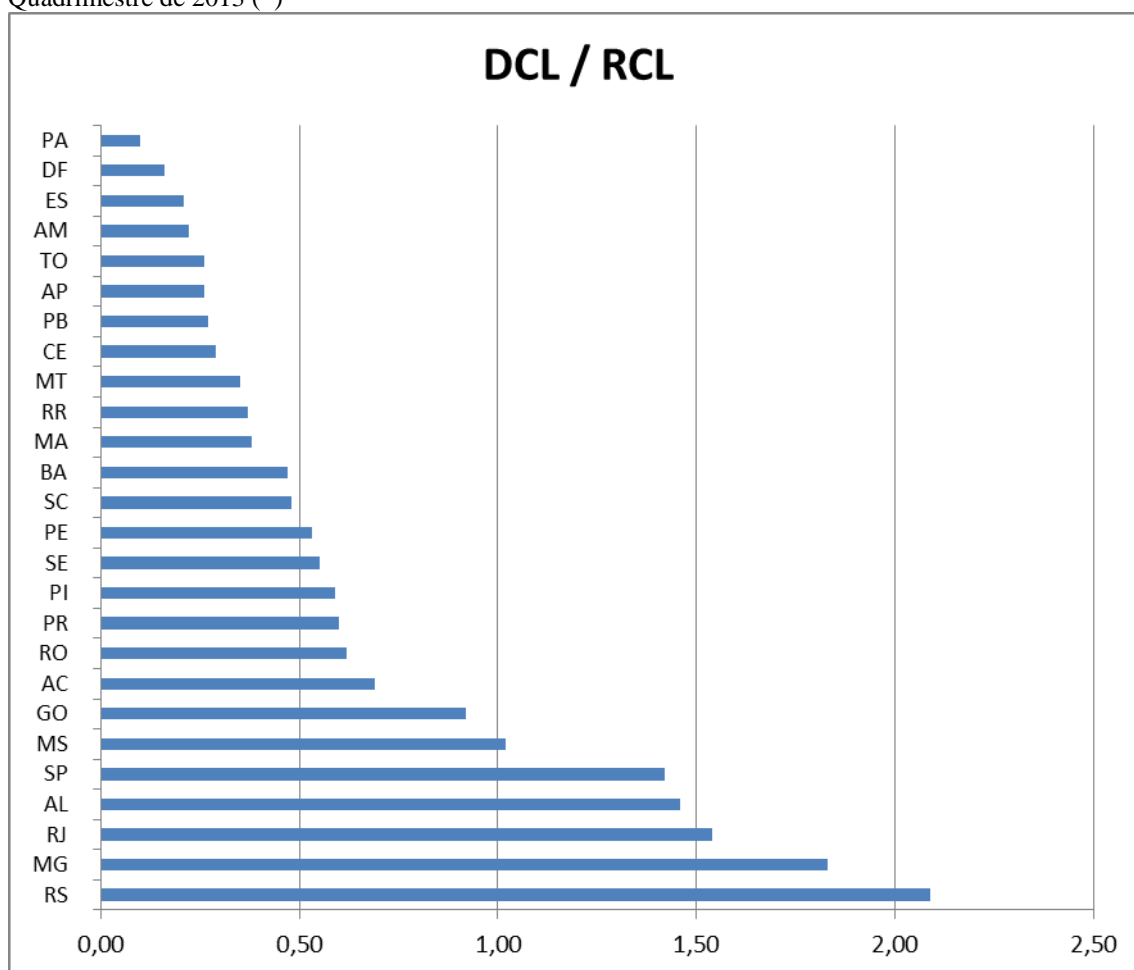
(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 2º trimestre de 2014.

7.4 Dívida

O estado do Ceará encerrou o primeiro quadrimestre de 2014 com uma Dívida Consolidada Líquida em R\$ 3.212 milhões. Com relação à Dívida Consolidada Líquida/Receita Corrente Líquida (DCL/RCL), ela atingiu o patamar de 0,29 no final do terceiro quadrimestre de 2014, posicionando-se entre as mais baixas da federação e bem abaixo do limite de endividamento que é de duas vezes a Receita Corrente Líquida, que considera o conceito de dívida consolidada líquida, da qual exclui os haveres financeiros conforme determina a Resolução nº 43 de 2001 do Senado Federal.

Vale ressaltar que o estado mesmo apresentando um alto gasto com investimento, vem mostrando um pesado compromisso como o pagamento do serviço da dívida por conta de um cronograma de amortizações concentrado no curto prazo.

Gráfico 7.8 – Dívida Consolidada Líquida em relação à Receita Corrente Líquida, Estados da Federação – 3º Quadrimestre de 2013 (*)



Fonte: STN – Secretaria do Tesouro Nacional.

(*) Os dados dos estados AP e RN referem-se a posição em 31/12/13.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dados do FMI apontam que o crescimento da economia mundial para o ano de 2014 vem apresentando um ritmo mais lento do que indicaram as estimativas realizadas no começo do ano. Por outro lado, estimativas da OCDE indicavam que alguns países apresentariam comportamento acima do registrado no 2º trimestre de 2013, com destaque para a Alemanha. Nesse mesmo comparativo, a França ficou praticamente estagnada.

Dentro desse mesmo contexto, o 2º trimestre de 2014 da economia americana teve um crescimento influenciado principalmente pelos aumentos dos gastos das famílias e de governos locais e estaduais, investimentos fixos não residenciais, investimentos fixos residenciais e crescimento das exportações. Já a economia chinesa no mesmo período apresentou variação de 7,5%, mas com uma demanda interna mais retraída, podendo, assim, comprometer seu desempenho econômico ao longo do ano.

A economia brasileira acumula dois trimestres consecutivos de baixa no ano de 2014. Nesse segundo semestre, a FBCF teve uma redução de 5,3% em relação ao trimestre anterior e 11,2% com relação ao mesmo período do ano anterior. Essa queda significativa nos investimentos reflete uma política econômica discricionária, que produz incerteza e provoca instabilidade. Além disso, benefícios fiscais de forma selecionada geram falta de previsibilidade e desconfiança, o que reflete na formação de expectativas para investimentos futuros.

Quanto à economia cearense, no segundo trimestre de 2014 com relação ao mesmo período de 2013, a taxa de crescimento foi de 3,04%, sendo a décima sétima taxa trimestral consecutiva superior à taxa de crescimento observada para a economia brasileira. Por outro lado, este crescimento foi um pouco inferior ao registrado no segundo trimestre de 2013, com relação ao mesmo período de 2012, onde a taxa registrada foi de 3,95%.

Dentro dos subsetores, deve-se mais uma vez observar que a produção agrícola apresenta dependência da precipitação pluviométrica. Nessa perspectiva, o volume de chuvas em 2014 ficou bem abaixo da média normal de pluviosidade do estado, indicando que esses períodos são considerados de seca. Além disso, as chuvas no segundo trimestre de 2014 no Ceará registraram desvio de -28,5% comparado ao normal, ficando abaixo do observado no mesmo período de 2013. Todas as regiões cearenses tiveram uma quantidade de chuva menor no 2º trimestre de 2014, comparado ao 2º trimestre de 2013.

No entanto, as estimativas têm apontado que a produção de grãos no Ceará para o ano de 2014 será maior que o ano de 2013, com destaque para o feijão e o milho. Quanto a produção de frutas, as estimativas para o 2º trimestre indicam pequenas variações, explicadas pelo fato

dessas atividades serem menos dependente de chuva, por serem irrigadas, e por ter suas colheitas mais concentradas no segundo semestre do ano.

Neste segundo trimestre do ano, a indústria de transformação cearense voltou a registrar redução na produção após cinco trimestres seguidos de crescimento reforçando a ideia de redução de ritmo observada ainda no primeiro trimestre, quando a indústria cresceu apenas 0,9%. Deve-se também observar que a indústria local manteve uma trajetória similar à observada para indústria nacional, diferente do registrado em 2013, quando a manufatura cearense seguiu uma trajetória mais descolada da manufatura nacional.

Esse resultado é reflexo do comportamento apresentado pela maioria dos segmentos que a compõem. De fato, entre onze atividades pesquisadas, seis apresentaram resultados negativos para o primeiro semestre. Apesar da base de comparação, os resultados do segundo trimestre e do acumulado do ano explicitam o momento difícil para a indústria que se configura o ano de 2014, após uma boa retomada em 2013.

No que tange ao comércio varejista, dados da PMC do IBGE registraram alta de 8,7% no segundo trimestre de 2014 no varejo comum cearense, variação levemente inferior à registrada no primeiro trimestre do mesmo ano quando foi observada uma evolução de 9%, ambas comparadas com o mesmo período do ano passado. Esse desempenho no segundo trimestre pelo varejo comum cearense ficou quase três vezes acima do registrado pelo varejo do país que obteve alta de apenas 3,4%. Além disso, ao se comparar com o desempenho observado em igual período do ano anterior, o varejo comum cearense em 2014 revelou uma nítida ascensão no ritmo de crescimento das vendas tendo em conta que no mesmo período do ano anterior havia crescido apenas 3,1%.

Nas vendas do varejo ampliado, que inclui as vendas de veículos, motos e peças e de material de construção, nota-se que o Ceará também registrou taxa de crescimento positivo no segundo trimestre de 2014, mas inferior à registrada pelo varejo comum, bastante influenciada pelas vendas de automóveis que apresentaram baixa no período. Não obstante, o desempenho observado no varejo cearense no primeiro semestre de 2014 revelou uma forte recuperação na comparação com o desempenho obtido em igual período de 2013, quando o varejo local registrou taxa negativa de 0,1%.

Os dados da Pesquisa Mensal dos Serviços destacam que os serviços prestados às famílias vêm apresentando taxas positivas elevadas nesses dois trimestres de 2014. No entanto, em termos gerais, no acumulado do ano os dados mostram que a atividade econômica dos serviços apresentou uma baixa dinâmica quando comparada com 2013.

A População Economicamente Ativa na RMF entre o segundo trimestre de 2014 e o segundo trimestre de 2013 apresentou variação de 1,60%, de igual valor à da PIA. Isso mostra que a medida que as pessoas foram entrando na idade ativa houve uma pressão no mercado de trabalho. Já a taxa de participação foi de 57% revelando nítida estabilidade entre os anos de 2013 e 2014. Na análise do comportamento do pessoal ocupado, a variação entre os segundos trimestres de 2013 e 2014 foi de 2,83%, bem acima do que foi registrado pela PIA e PEA, revelando que a maior procura por emprego resultou em êxito na ocupação.

Em termos de emprego formal com base em dados da Caged, a comparação da evolução da geração de empregos nos últimos seis trimestres observa-se que a geração de novas vagas de trabalho no 2º trimestre de 2014 ficou bem abaixo do registrado em igual período de 2013. Todavia, vale notar que o 1º trimestre de 2014 havia gerado um saldo positivo de empregos bem diferente do registrado no 1º trimestre de 2013 quando foram fechadas 5.097 vagas. No tocante ao 2º trimestre de 2014 foi registrada a menor geração de novos empregos com carteira assinada dos últimos oito anos.

No setor externo, enquanto as exportações do estado neste segundo semestre do ano apresentaram crescimento de 62% em relação ao mesmo período de 2013 as importações retraíram 16% neste mesmo comparativo. Todavia, esses valores não foram suficientes para reverter o saldo negativo da balança comercial do estado com relação ao mesmo período do ano de 2013.

Em termos fiscais, as receitas estaduais apresentaram um decréscimo real de 0,33% em relação ao segundo trimestre de 2013. Todavia, no acumulado até o segundo trimestre constata-se um crescimento de 3,96% com relação a idêntico período do ano anterior.

Especificamente, essa queda das receitas orçamentárias no segundo trimestre de 2014 pode sinalizar para um quadro de maior restrição para as finanças públicas estaduais nesse ano, porém é necessário observar o comportamento das receitas no próximo trimestre antes de buscar identificar uma tendência para as receitas de 2014. Essa queda foi devida ao comportamento das transferências da União em decorrência dos menores repasses do FPE no segundo trimestre que vem ocorrendo desde o ano de 2012.

Por sua vez, a despesa total no segundo trimestre de 2014 apresentou um crescimento real de 10,5% em relação a idêntico período de 2013 tendo os investimentos apresentado um crescimento real de, aproximadamente, 80% em relação ao segundo trimestre de 2013.

9. A OPINIÃO DO IPECE

A Concentração do Emprego Formal em Fortaleza: Uma Análise do Período 2005-2013

Cláudio André Gondim Nogueira – Analista de Políticas do IPECE

A análise do comportamento de indicadores do mercado de trabalho, em que se inclui o nível de emprego formal, pode fornecer indícios importantes acerca do nível de atividade econômica e de desenvolvimento de uma determinada área.

Nesse contexto, dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) revelaram que, entre 2005 e 2013, o estado do Ceará passou de 920.161 para um total de 1.495.923 vínculos empregatícios formais, o que representa um aumento proporcional de 62,57% no período. Já o município de Fortaleza, no mesmo intervalo de tempo, apresentou uma elevação do indicador de 62,35%, passando de 496.545 vínculos formais em 2005 para 806.143 em 2013. Com isso, Fortaleza praticamente manteve a sua participação no emprego do estado, com aproximadamente 54% do total de vínculos formais.

O caso de Fortaleza foi escolhido, pois, esse é um município que se configura como a capital de um dos estados mais pobres do Brasil, o Ceará, e que concentra boa parte da sua estrutura produtiva, da sua infraestrutura e da sua população³. Ao longo dos anos, várias políticas públicas foram implementadas no sentido de desconcentrar as atividades econômicas no estado do Ceará, mas, como os dados apresentados acima sinalizam, as dinâmicas econômicas e os eixos de articulação produtiva acabaram reforçando o processo de concentração econômica e populacional principalmente em Fortaleza e nos demais centros urbanos principais.

Então, quais foram os principais fatores que contribuíram para que a concentração de vínculos formais em Fortaleza permanecesse elevada durante o período considerado? Buscar uma resposta para essa questão com base na literatura da economia regional e urbana é exatamente o principal objetivo do presente artigo. Para tanto, dois argumentos básicos serão desenvolvidos.

Primeiramente, é possível argumentar que um importante fator que favoreceu essa concentração foi a estrutura econômica de Fortaleza, uma vez que a participação do emprego formal em setores dinâmicos (aqueles em que o emprego formal cresce mais rápido que a média do Estado) é considerável. De acordo com os dados da RAIS, seguindo a classificação de subsetores do IBGE, os setores mais dinâmicos no Ceará no período 2005-2013 foram os

³ Conforme dados do Censo Demográfico do IBGE, em 2010, Fortaleza tinha 2.452.185 habitantes, o que representava 29,01% da população cearense.

seguintes: Construção Civil (198,25%)⁴, Adm. Técnica Profissional (143,16%), Indústria Metalúrgica (125,23%), Comércio Atacadista (104,92%), Indústria Mecânica (99,57%), Prod. Mineral Não Metálico (98,80%), Extrativa Mineral (97,30%), Comércio Varejista (93,17%), Ensino (79,41%), Material de Transporte (72,11%), e Transporte e Comunicações (70,56%).

No caso, em 2013, nesses setores mais dinâmicos as participações de Fortaleza em relação ao total do Estado foram as seguintes: Adm. Técnica Profissional (82,66%), Construção Civil (76,20%), Transporte e Comunicações (75,63%), Ensino (73,17%), Comércio Atacadista (63,79%), Comércio Varejista (58,59%), Indústria Mecânica (48,29%), Indústria Metalúrgica (41,57%), Material de Transporte (36,17%), Prod. Mineral Não Metálico (11,89%), e Extrativa Mineral (8,48%).

Assim, conforme a literatura, haveria um efeito estrutural significativo, decorrente da especialização em atividades ligadas aos setores dinâmicos, que favorece o crescimento do emprego em uma localidade, e esse efeito seria decorrente de variações de produtividade, dos padrões de consumo, do progresso tecnológico, e da própria divisão inter-regional do trabalho.

O outro argumento se refere aos fatores endógenos de competitividade de Fortaleza que podem influenciar no comportamento do emprego formal. No caso, reconhece-se na literatura que quando a taxa de crescimento em determinados setores for maior que a da localidade em questão, então, haveria um efeito diferencial positivo, uma vez que as vantagens locacionais associadas a fatores específicos (recursos naturais, custos diferenciados de transporte, estímulos fiscais etc.) estimulariam o seu crescimento acima da média geral.

No contexto específico da capital cearense, uma questão fundamental refere-se à existência de economias e deseconomias de aglomeração, o que está diretamente relacionado com a concentração populacional no município.

Geralmente, quando a densidade demográfica é baixa, é razoavelmente difícil de prover certos serviços e de ampliar significativamente a infraestrutura existente, o que dificulta a criação de novos empregos. Mas, quando a densidade se eleva, as localidades aumentam a capacidade de diversificar a sua infraestrutura e a sua base produtiva, uma vez que economias de aglomeração começam a aparecer em decorrência da concentração da população e das atividades econômicas. Esse é um processo que possibilita que certas atividades alcancem uma escala mínima de operação e permite que sinergias e complementariedades entre os setores produtivos sejam mais bem aproveitadas, o que tem o potencial de elevar o número de empregos formais.

⁴ Os valores em parênteses correspondem à taxa de crescimento acumulada do período 2005-2013.

Entretanto, quando a densidade se torna muito elevada, os custos da concentração podem superar os benefícios dela decorrentes. Assim, as deseconomias de aglomeração seriam consequência de uma série de fatores tais como: congestão dos serviços públicos e de transporte, condições inadequadas de vida de uma parte da população, danos ambientais, elevados custos de aquisição de imóveis e terrenos, escassez de trabalho qualificado, altas taxas de desemprego, indicadores de criminalidade elevados etc.

No caso, a densidade demográfica de Fortaleza é bastante elevada⁵, o que pode magnificar as deseconomias de aglomeração, desestimulando a criação de novos empregos. Assim, mesmo que o município em questão possua fatores intrínsecos de competitividade relacionados à sua infraestrutura (que é mais desenvolvida em comparação a outros municípios do Estado), ao expressivo mercado consumidor, à proximidade em relação a economias desenvolvidas (EUA e Europa) etc., o ponto que se deseja enfatizar é que essas vantagens podem ser anuladas ou parcialmente anuladas devido à excessiva concentração populacional, que eleva os custos de produção / operação em Fortaleza.

Com base nos dados da RAIS e de comparações entre as taxas de crescimento do emprego nos subsetores do IBGE, as vantagens locais intrínsecas à Fortaleza só foram capazes de estimular o crescimento do emprego acima da média nos seguintes subsetores: Aloj. Comunic., Adm Técnica Profissional, Indústria Metalúrgica, Indústria Mecânica, Ensino, e Alimentos e Bebidas. Considerando todos os subsetores em conjunto, o efeito diferencial foi negativo, indicando que as deseconomias mais que compensaram as economias de aglomeração, o que estimula um crescimento da maioria dos setores abaixo da média cearense.

Desta forma, a elevada concentração do emprego formal em Fortaleza foi basicamente mantida no período 2005-2013, pois, o efeito positivo gerado pela sua estrutura econômica vinculada aos setores mais dinâmicos da economia cearense praticamente compensou o efeito diferencial negativo gerado pelas fortes deseconomias de aglomeração.

Assim, o futuro do emprego em Fortaleza está diretamente ligado aos fatores analisados nesse breve artigo. Se investimentos continuarem a ser efetuados nos setores com maior potencial de crescimento, isso favorecerá a criação de novos vínculos formais no município. Por outro lado, com o crescimento da população e o aumento da densidade (já bastante elevada), as forças que promovem a expulsão de atividades econômicas no município podem se tornar ainda mais relevantes. O aumento ou a diminuição da concentração dos empregos

⁵ Conforme dados do Censo Demográfico do IBGE, em 2010, Fortaleza tinha uma densidade demográfica igual a 7.815,70 hab./km², que era a maior entre as capitais brasileiras.

formais dependerá, portanto, de qual efeito será predominante. Ademais, nesse contexto, o papel das políticas públicas será fundamental para a determinação do resultado.